

O APOCALIPSE DE JEOWALDA: ENTREVISTA COM WALDO MOTTA¹

THE APOCALYPSE OF JEOWALDA: INTERVIEW WITH WALDO MOTTA

Carlilio Louzada de Oliveira Junior*
Vitor Cei*

Waldo Motta, nascido em 1959, em Coroa da Onça, interior de São Mateus (ES), é o primogênito de Milton Motta e Tarcília Rangel. Desde 1980, reside em Vitória. Com mais de quatro décadas dedicadas à produção literária, destaca-se como um dos mais importantes poetas brasileiros contemporâneos. Sua obra singular, caracterizada pela experimentação formal e temática, abrange diversos gêneros, incluindo poesia, prosa, teatro, numerologia e cabala. Ao explorar as nuances da

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) – Bolsa Pesquisador Capixaba (Processo 573/2023).

* Graduado em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes).

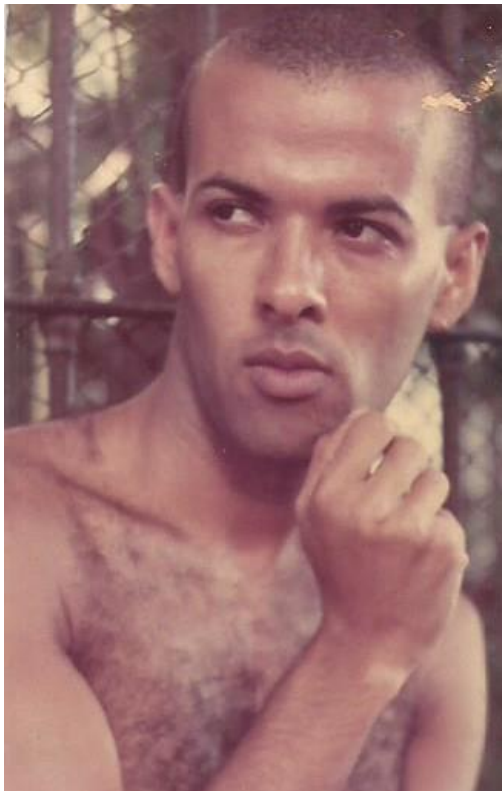
* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

linguagem e do sagrado, desafia as convenções literárias e convida à reflexão crítica e à sensibilidade poética.

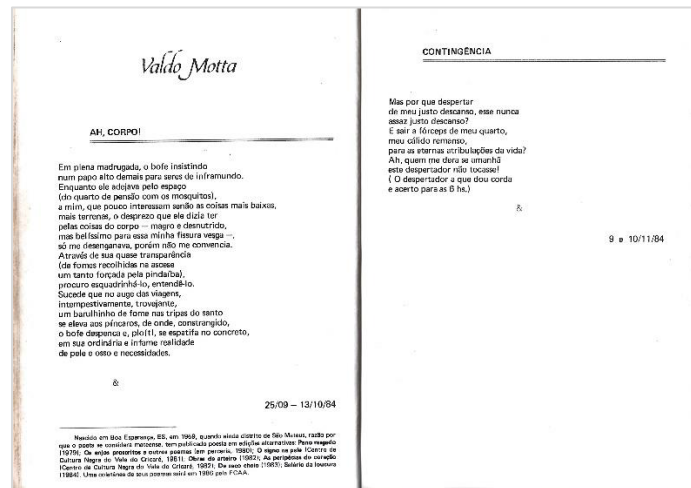
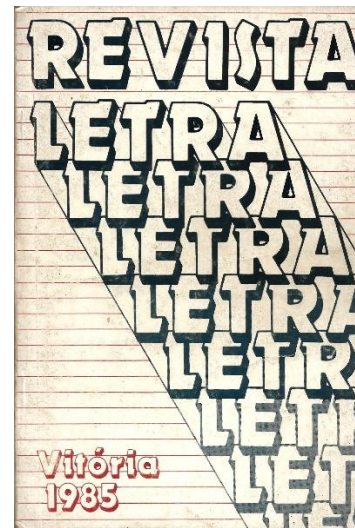
Até os anos 1990, Waldo Motta já havia publicado uma extensa obra, incluindo *Pano rasgado* (1979), *Os anjos proscritos e outros poemas* (1980, em parceria com Wilbett R. Oliveira), *O signo na pele* (1981), *Obras de arteiro* (1982), *As peripécias do coração* (1982), *De saco cheio* (1983), *Salário da loucura* (1984) e a coletânea *Eis o homem* (1987), em edição conveniada à Ufes; *Poiezen* (Massao Ohno, 1990), *Bundo e outros poemas* (Unicamp, 1996), *Transpaixão* (Kabungo, 1999; Edufes, 2009) e *Terra sem mal* (Patuá, 2015). Em breve, publicará *Proezas de Jeowalda*, pelas editoras Kabungo e Cousa.



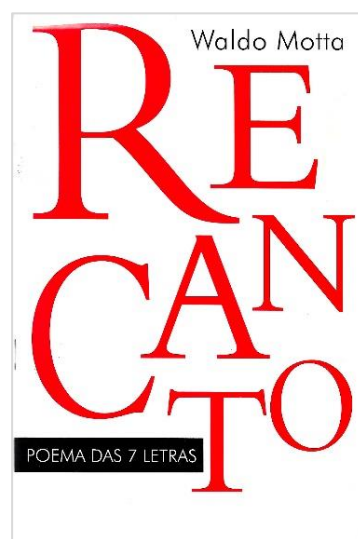
Capas dos livros iniciais de Waldo Motta.



Waldo Motta, em Vitória, 1987 (Fotos de Paulo R. Sodré).

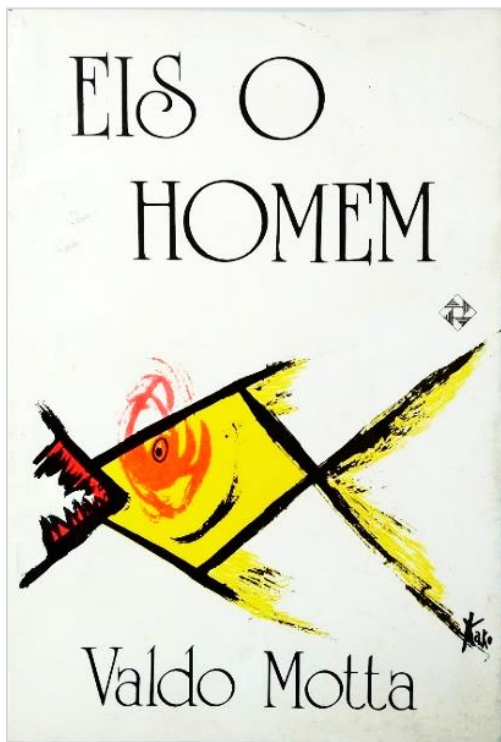


Capa da *Revista Letra* (1985) e página com poemas de Waldo Motta.

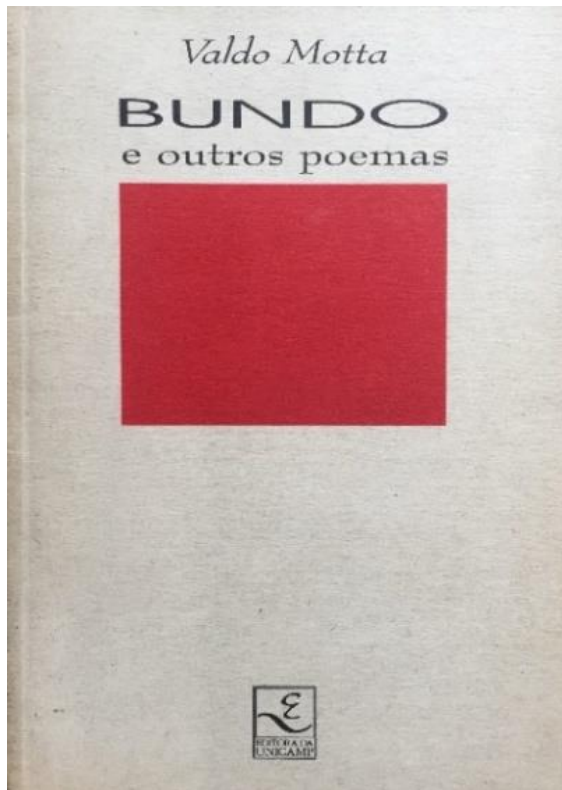


Capa de *Poiezen* (1990, publicado pela Massao Ohno, de São Paulo) e de *Recanto: poema das 7 letras* (2002, publicado pela Ímã, de Vitória).

A partir de *Bundo*, a poética de Waldo Motta adquiriu o estatuto de doutrina e conquistou por fim atenção já há muito reivindicada. Portanto, conscientes dessa longa reivindicação e também para reconhecer como as bases do que se concretizou em 1996 já se delineavam de forma não sistemática, as análises desenvolvidas nos anos seguintes se propuseram a discutir sua poesia anterior, ainda que brevemente, antes de destacar as novidades encontradas em *Bundo*.



Capa de *Eis o homem* (1987), publicado pela editora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com orelha de Reinaldo Santos Neves e prefácio de Deny Gomes (Fotos sem crédito).



Capa de *Bundo e outros poemas* (1996), organizado por Iumna M. Simon (Foto sem crédito) e Berta Waldman, e publicado pela editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

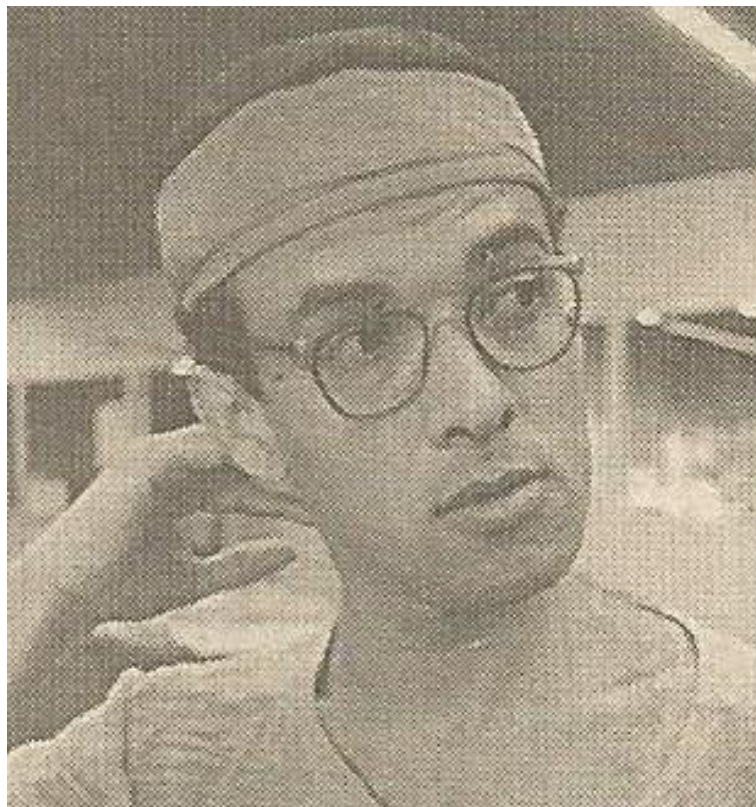


Imagem de Valdo Motta em 1996 (Foto sem crédito).

O que você está lendo?

Valdo Motta, o Poeta

A Gazeta
Caderno Dois
25/8-1996, p. 4

José Augusto Carvalho

Bundo & outros poemas, de Valdo Motta, não é apenas mais um livro de poemas, porque seu conteúdo sofrido, erudito, místico e, sobretudo, profundamente corajoso faz dele um dos melhores livros de poemas já escritos por um capixaba nos últimos tempos. Não é à toa que é o primeiro volume da coleção *Matéria de Poesia* da Editora da Universidade Estadual de Campinas, a mais conceituada das universidades brasileiras, internacionalmente reconhecida.

Conhecedor como poucos do valor que a palavra assume, viva e plurissignificativa, num texto poético, Valdo Motta revela-se um poeta que se debruça sobre si mesmo, na descoberta do mundo. Deixemos que o poeta fale, em trechos pinçados mais ou menos aleatoriamente, ao longo desse livro denso e profundo: "Claro, claro: É pelo talo/ Que começa o fruto./ A vida/ medra/ do rabo": (p. 71); "A poesia é a minha/ sacrossanta escritura./ cruzada evangélica/ que deflagra deste púlpito". (p. 79); "Quero ir atrás/ do secreto fim/ das coisas, ao cais/ dos mares de mim". (p. 89); "Só pode amar quem moeu/ Seu eu na amorosa mó/ e desse pé renasceu" (p. 116).

Na introspecção que resulta numa verdadeira análise do mundo que o cerca, o poeta tem estes achados maravilhosos: "A mulher é a miragem do caminho/ do homem em busca de si mesmo" (p. 56); "Todos os caminhos/ que se abrem para o mundo/ não valem o caminho interdito" (p. 39); "Se me encontro em perigo/ ao Diabo e a Deus bendigo./ Na luta de mim comigo/ quem me vence é meu amigo". (p. 83).

Talvez o leitor pense em Fernando Pessoa. Mas não é só. O livro de Valdo Motta é um passeio pela intertextualidade, desde Camões a Drummond de Andrade. E se diz repetidas vezes "Quero ser amado" (p. 48), também diz num *hai-kai* pessimista: "Eis no que deu/ a Terra Prometida/ por Prometeu". (p. 93).

Preocupe-me aqui em dar uma pequena amostra do talento poético de Valdo Motta. O espaço pequeno não me permitiria teorizar, quando a voz do poeta é muito mais forte do que qualquer tentativa de análise do seu estro.

Valdo Motta não é um poeta. Valdo Motta é O poeta. Que terá motivos de sobra, agora, para sofrer ainda mais: só se atiram pedras em árvores fruteiras. E certamente haverá à sua espera os que não suportam o talento alheio.

(MOTTA, Valdo. *Bundo & outros poemas*. Carapinas: Unicamp, 1996, 132 páginas).

■ (O autor é professor da Faculdade de Direito de Vitória e escritor)

■ **Observação:** Este espaço está reservado a colaborações voluntárias (limite de 30 linhas), com opiniões sobre Livros e identificação do autor. O material recebido será avaliado pelo Caderno Dois.

Fac-símile do comentário de José Augusto Carvalho sobre *Bundo e outros poemas*, de Valdo Motta, no jornal *A Gazeta*, Vitória, 1996.

GOZO MÍSTICO

Religião e homoerotismo confluem em "Bundo", do poeta Valdo Motta

FÁBIO DE SOUZA ANDRADE
especial para a Folha

A sobriedade elegante da apresentação gráfica de "Bundo", seleção em dois tempos da poesia de Valdo Motta, organizada por Berta Waldman e Iumna Maria Simon, contrasta com a orelha do livro, em que o autor, também ator, é introduzido e louvado pelos versos tropicizantes de José Celso Martinez Corrêa.

O embate entre a fala profética, o discurso sublime inspirado pelo Deus terrível do Velho Testamento e o escarcho realista, pugão e dionisíaco vestido pela brevidade e a ironia modernas, é apenas um dos prolongamentos desta tensão original de uma poesia igualmente atraída pelos polos da religião e da sexualidade.

Nascido em Boa Esperança do Espírito Santo, em 1959, negro e homossexual, é o próprio Valdo Motta quem dá conta, no prefácio, de uma história de engajamento político em defesa das minorias, que foi desembocar na descoberta da força simbólica da linguagem bíblica e da tradição poética que combina o erótico e o espiritual, a sensualidade e o misticismo no gozo místico.

Lidos em chave homoerótica, os versículos bíblicos emprestam tom solene e ritualizado à celebração do corpo, subvertendo a fúria pu-

nitiva divina em conchamação ao prazer: "Que o sol fique lívido/ e a lua corada de vergonha./ e as estrelas desmaiem, errem sua rota os planetas/ e os céus aturidos se embrialem./ Urrem os mares e os montes estremeçam./ porque a Terra santa grita e sacoleja/ de gozo/ chegou o seu Esposo".

Não apenas San Juan de la Cruz ou Santa Teresa D'Ávila, mas também o "Cântico dos Cânticos" revive no convite ecumênico: "Vem comigo, meu amado,/ fervermos o leite cósmico./ Celebremos nosso gozo/ no cristátrico festim./ Vem, querido, prepara/ o teu mosto em meu lagar/ e fazer o vinho santo./ Vem destilar a mirra/ do monte dorsal o mel/ que mana da rocha viva".

Sua contestação à religião oficial ("uso a paródia contra os enganadores") serve-se do escatológico e da violência crua das imagens, ora oswaldiana e bem-humorada ("Venerai o Santo Fiofó,/ ó neófito das delícias/ e os deuses hão de vos abrir as portas e a fortuna vos sorrir", em "Exortação"); ora agressiva, voluntariamente desagradável, raiando o mau gosto ("Eu sou a Nossa Senhora do Buraco Negro./ Sujo e fedorento da Rocha Porsal/ mãe dos nove céus a tetéia do caraludo./ ... Ai de quem esqueceu a pedra santa/ e o caminho da casa do Senhor!", em "Anunciação").

Servindo-se do tema do percurso iniciático, à poesia e ao corpo, entre os dedos e os dátilos, combina a tradição judaico-cristã, referências ao pagão e ao epurismo dionisíacos com o tema do auto-erotismo: "Extáticos dátilos/ ébrios caribos/ transidos curetes... em ofício sacro/ no ano celeste" ou "não me canso de tocar/ a lira de dez dedos/ neste frenético lavori/ ao Deus vivo/ meu rochedo".

A concisão das pílulas e brevíssimas cenas líricas reforçam o parentesco com Oswald de Andrade. Veja-se o micro-soneto: "Quem/ não/ tem/ bens/ Bem/ não/ tem/ não/ tem/ não/ tem/ não/ tem/ não/ tem/ não", em "Os Sinos", o humor trocadilhesco, ácido de "E Agora, O Meu". "Eis no que deu/ a Terra Prometida/ por Prometeu", ou a exconjuradora de Aíds, assimilada ao mítico Reino dos Mortos: "Hás de ir ao Id, hás de ir ao Id./ Para de por Aídes e tudo que preside/ e, depondo Aídes, todos os poderes/ que impedem a mútua doação dos seres". Mas é no recurso à dicção profética que o poeta promete e ambiciona mais. Motta usa e abusa da abertura ambígua da linguagem mística, bíblica ou não, e oferece ao leitor sua própria chave de leitura.

O caso é que, na divisão entre a experiência coletiva, lastro histórico e cultural dos símbolos do sagrado e uma fala simbólica que parte da constatação humilde de que legisla em terreno pessoal ("a poesia é a minha/ sacrossanta escritura/ cruzada evangélica... Só ela me salvará/ da gula do abismo./ Já não digo como poeta/ que me religue/ a algum distante céu./ mas como pinguela mesmo/ elo entre alheios eus", em "Religião"), está ao mesmo tempo a força e a fraqueza de suas imagens.

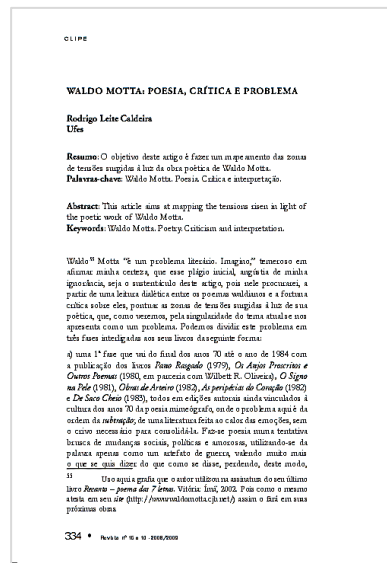
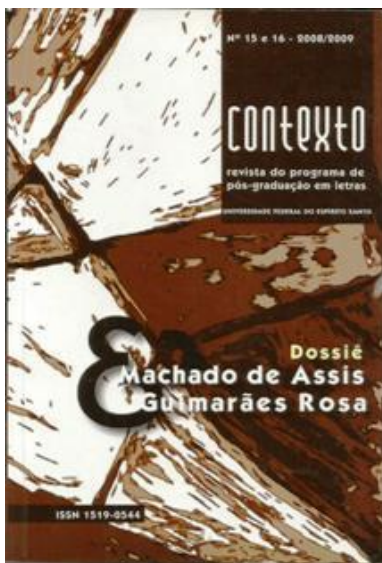
Muitas vezes, o risco de que não escape é do recurso instrumental aos mitos e emblemas, neutralizando o impacto e sobrecarregando, artificialmente, de escoras exteriores os poemas, que ganhariam caso não precisassem desta erudição funcional e da legitimidade conferida pela tradição.

Como volume, "Bundo" traz a mesma desigualdade, manifesta em poemas que, no empenho de encenar o escândalo da própria novidade e de seu apego ao prazer vital, deixam de fazer-lo para ser tão-somente espetáculo novidadeiro. Que sua voz não se perca neste fosso.

Fábio de Souza Andrade é professor de teoria literária na Universidade Estadual de Campinas. Unicaesp e autor de "O Engenheiro Noturno: A Lírica Final de Jorge de Lima" (Edusp).

Fac-símile do comentário de Fábio de Souza Andrade sobre *Bundo e outros poemas*, de Valdo Motta, no jornal *Folha de São Paulo*, 1997.

Em seu estudo sobre as zonas de tensão à luz da poética de Waldo Motta, Rodrigo Leite Caldeira (2008/2009) revisa a fortuna crítica sobre o poeta e o considera um “problema literário” que pode ser dividido em três fases distintas: a primeira delas marcada por sua exclusão pela crítica literária; em seguida, a legitimação, ilustrada na escrita do prefácio de *Salário da loucura*, pela professora Deny Gomes; e, finalmente, a polêmica divisão desse processo legitimador entre a crítica e o próprio texto de Waldo Motta, representada *em e por Bundo*.

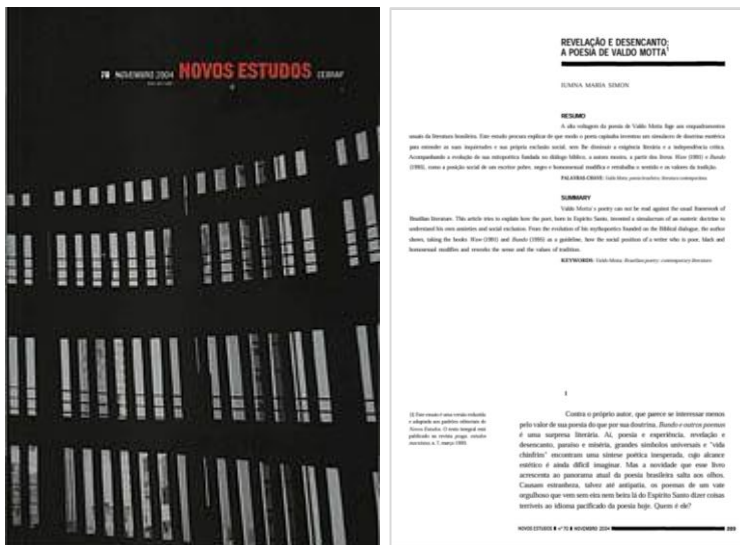


Capa da *Contexto* (2008-2009) e página inicial do artigo de Rodrigo Leite Caldeira sobre Waldo Motta.

A primeira fase da obra de Waldo Motta foi associada à influência da poesia marginal da geração mimeógrafo. Naquele período, os poetas participavam de um circuito paralelo de produção e distribuição independente, onde muitas vezes estavam presentes no ato da venda de suas edições mimeografadas, nas ruas ou nos correios. Sua escrita buscava ser tanto um registro da ação existencial, apresentando a poesia como uma encenação da subjetividade, quanto uma crítica da situação política brasileira, transgredindo as normas sociais e políticas vigentes na época (MORICONI, 1998; HOLLANDA, 2007).

Naquela época, Waldo Motta concebia a palavra como um “artefato de guerra”, priorizando a mensagem em detrimento da forma e buscando envolver o leitor

em sua própria vivência, como ele mesmo afirmou: “um ciclo muito fregre e pensamento rarefeito, alguma pretensão e certa ingenuidade (ilusões políticas, amorosas, essas coisas)” (MOTTA, apud CALDEIRA, 2008/2009, p. 334-336). Não obstante, Iumna Maria Simon avalia que o poeta “não se acomodou ao padrão do rebaixamento literário que rapidamente se rotinizava e começava a se impor ao mercado” (SIMON, 2004, p. 210).



Capa de *Novos Estudos* (2004) e página com artigo de Iumna M. Simon sobre Waldo Motta.

A segunda fase da obra de Waldo Motta, conforme caracterizada por Deny Gomes, foi marcada por um enfrentamento de contradições que surpreendeu leitores e críticos. Essas contradições também se refletem em aspectos pessoais do autor, que oscila entre ser tímido e arrogante, sutil e escrachado, fechado e desafiador. Sua linguagem deliberadamente reflete essas contradições sociais de sua experiência como membro de uma minoria discriminada, com um humor crítico que ora segue padrões formais quase clássicos dentro da norma culta, ora adota uma abordagem brutalmente grosseira, repleta de neologismos pessoais ou de expressões codificadas do meio gay. No entanto, ele não eleva essa condição ao status de detentora do monopólio do sofrimento humano, nem a sacraliza como um grupo intocável. Pelo contrário, sua escrita reflete uma postura crítica em relação a essa dinâmica, desafiando as noções convencionais de identidade e poder (GOMES, 1987, p. 99-102).

Na terceira e até agora última fase de sua obra, chegamos a *Bundo e outros poemas*, coletânea organizada por Iumna Maria Simon e Berta Waldman em 1996, reunindo poemas dos livros *Waw* e *Bundo*. O primeiro, mais irregular e variado, busca autoconhecimento e apresenta um esboço da religião e sistema de salvação que será elaborado como doutrina em *Bundo*, considerado o ponto de virada na obra de Motta. A poesia se tornará “veículo para a formulação de uma ciência própria, uma espécie de sistema poético e simbólico que ele inventa contra uma sociedade em que não tem lugar e que nem tem meios de transformar” (SIMON, 2004, p. 212).

A “ciência própria” ou “sistema poético e simbólico” da cosmovisão homoerótica desenvolvida por Waldo Motta mobiliza todos os recursos e saberes disponíveis, desde o “bicharês” (gíria gay), até a Bíblia, passando por misticismo, orientalismos, tantrismo, cabala, mitologia clássica e afro-brasileira. Associando símbolos sagrados ao erotismo anal, ele não descarta nada do que viu, experimentou e aprendeu ao longo da vida; ele soma e multiplica (é um convicto numerólogo) e incorpora tudo à sua expressão, como se fosse um instinto de preservação (SIMON, 2004).

Para Jurema Oliveira, o processo de materialização da empreitada conceitual de Waldo Motta é explicitado no plano metafórico, matando um discurso sacralizado para reinterpretá-lo por uma outra ótica, descaracterizando o discurso bíblico e dessacralizando a linguagem, de modo que “o corpo e o desejo homoerótico deixam de ser vistos como pecado para – por meio da escatologia – de forma festiva serem considerados como meio de alcançar a Deus” (OLIVEIRA, 2011, p. 127).



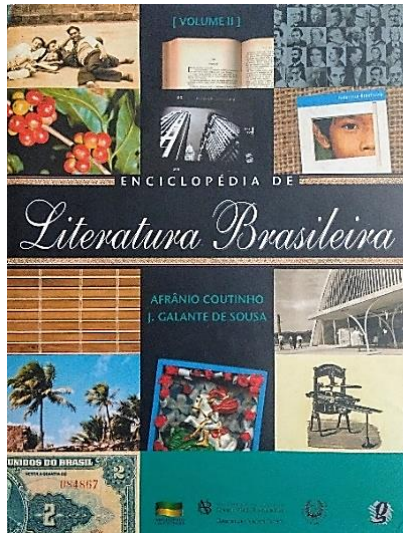
Capa de *Bravos companheiros e fantasmas 4* (2011) e página inicial do estudo de Jurema Oliveira sobre Waldo Motta.

Consideramos que a equiparação fundamental para compreender o projeto poético de Waldo Motta, ao qual ele se referiu como “erotismo sagrado”, não pode ser mantida se um dos elementos dessa equação continuar sendo considerado como estranho, negativo ou profano, o que resultaria no equívoco de qualificar essa poesia como um exercício de profanação, tomando o termo por seu sentido dicionarizado.

Para Waldo Motta, há uma diferença significativa entre fazer uso da forma como o erotismo (e, particularmente, o erotismo homoafetivo) é julgado pela sociedade e julgá-lo da mesma forma. A consequência imediata do que se busca explicitar, portanto, é que, se para ele o erotismo é sagrado, considerá-lo profano ou profanador dos textos sacramentais é, contraditoriamente, profaná-lo. Assim, não podemos deliberadamente assumir um encontro entre sagrado e profano, mas entre sagrado e sagrado.

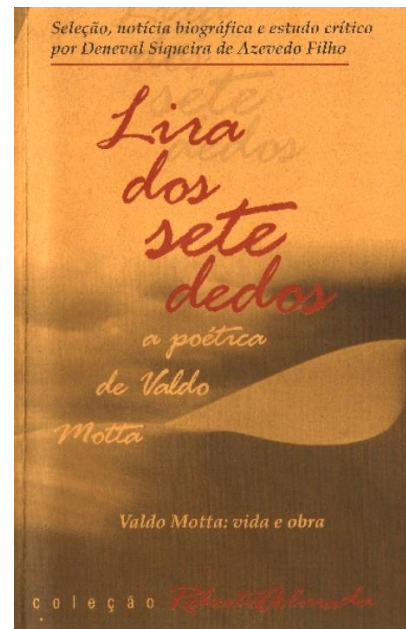
É importante acrescentar que não estamos sugerindo que para interpretar qualquer poema seja necessário priorizar as intenções artísticas de seu poeta. Não obstante, nesta entrevista, respondida em abril de 2024, o autor compartilha

sua trajetória, refletindo sobre sua vida, obra, doutrina e poética, reavaliando suas experiências e reflexões mais significativas.



MOTA, Valdo (São Mateus, ES, 27 out. 1959 —), poeta. BIBL.: *Pano rasgado* (poes.); *Os anjos proscritos* (poes. com Wilbert R. de Oliveira); *O signo da pele*. 1981 (poes.); *Obras de arteiro*. 1981 (poes.); *As peripécias do coração*. 1982 (poes.); *De saco cheio*. 1983 (poes.); *Salário da loucura*. 1984 (poes.); *Eis o homem, Poiezen e Vau*. REF.: Savary *Antol.*, 321.

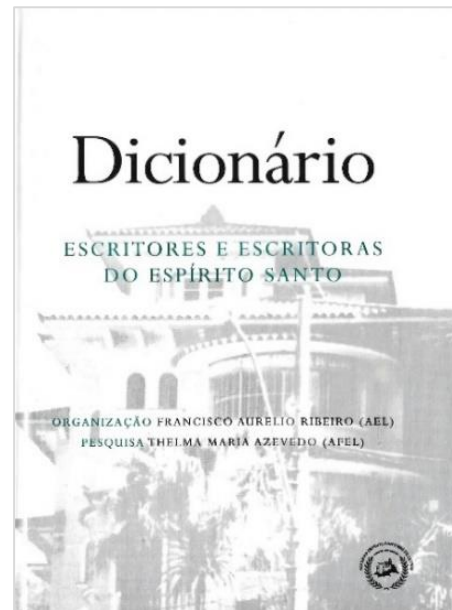
Capa da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (2001), de Afrânio Coutinho e Galante de Sousa, com verbete sobre Waldo Motta.



Capa de *Lira dos sete dedos: a poética de Valdo Motta. Valdo Motta: vida e obra* (2002), de Deneval Siqueira de Azevedo Filho, volume 11 da Coleção Roberto Almada, da Prefeitura Municipal de Vitória².

² Infelizmente, devido a incontornáveis problemas editoriais, o livro não pode ser divulgado nem distribuído.

MOTTA, WALDO. Nasceu em Boa Esperança, ES, em 27 de outubro de 1959, filho de Milton Motta e Tascília Rangel. cursou Jornalismo, na UFES. Fez teatro amador. Foi bolsista e residente na Alemanha e nos Estados Unidos. Faz recitais e coordena oficinas de literatura. Publicou: *Panos rasgados*, 1979, *Os Anjos Proscritos e Outros Poemas*, 1980, *O signo na pele*, 1981, *Obras de arteiro*, 1982, *As peripécias do coração*, 1982, *De saco cheio*, 1983, *Salário da loucura*, 1984, *Eis o homem*, 1987, *Poiezen*, 1990, *Bundo e outros poemas*, 1996, *Recanto*, 2002, *Transpaixão*, 2005. É um dos mais instigantes poetas da literatura brasileira contemporânea e sua obra tem sido foco de diversos críticos literários. Sua obra foi lida criticamente pelo prof. Deneval Siqueira de Azevedo Filho na obra *Lira dos sete dedos*: a poética de Waldo Motta. Vol 11 da col. Roberto Almada, PMV.



Capa do *Dicionário escritores e escritoras do Espírito Santo* (2008), de Francisco Aurelio Ribeiro e Thelma Maria Azevedo, e verbete sobre Waldo Motta.



– **Waldo Motta** (1959–) iniciou divulgando seu trabalho numa série de edições marginais – *Pano rasgado* (1979), *Os anjos proscritos e outros poemas* (1980, em parceria), *O signo na pele* (1981), *Obras de arteiro* (1982), *As peripécias do*

coração (1982), *De saco cheio* (1983) e *Salário da loucura* (1984), este último com prefácio analítico de Deny Gomes – que vendia nos semáforos, até publicar, na Coleção Letras Capixabas, *Eis o homem* (1987), uma coletânea de sua poesia anterior, incluindo, na íntegra, *O salário da loucura*. Em seguida publicou *Poiezen* (1990), *Bundo e outros poemas* (1996), este pela editora da Universidade de Campinas, contendo *Bundo*, escrito em 1995, e *Waw*, entre 1982 e 1991, e ainda *Transpaixão* (1999), uma coletânea. Oscar Gama Filho considera-o o maior expoente da poesia marginal capixaba e define:

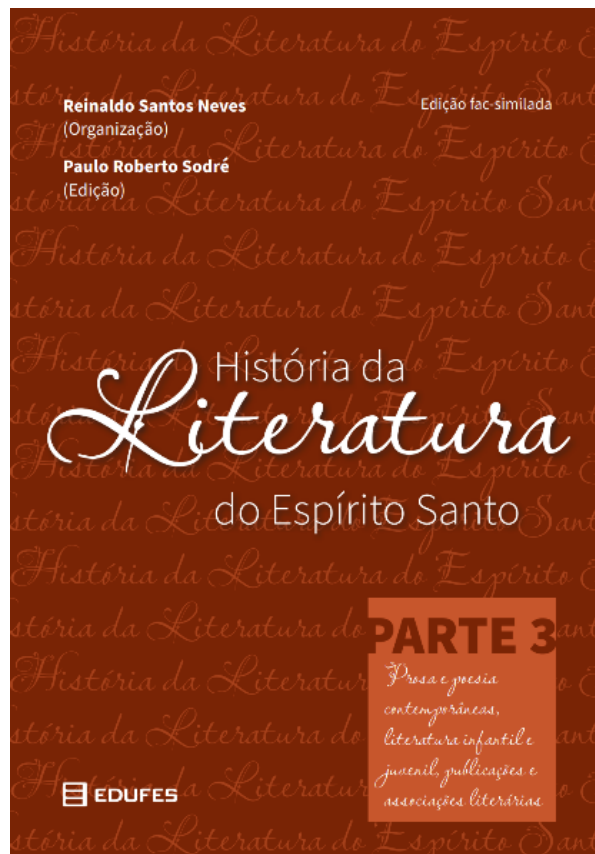
Parte da tensão interna dos poemas de Waldo Motta ocorre devido ao choque entre palavras requintadas e termos escrachados e marginalizados até o palavrão. Contudo, nessa poesia feita de antíteses, o chulo nunca é vulgar, e o que parece vulgar nunca é um clichê, mas sim um metaclichê, ou seja, um clichê sobre os clichês, um clichê cuja função é, ao mesmo tempo, tanto incorporar todas as partes da realidade (terminando com a separação entre fatos poéticos e não-poéticos), quanto satirizar os clichês que inundam as realidades poética e existencial. Em Waldo Motta, clássico e popular são duas faces da mesma moeda e o amor é uma busca sem limites e despiada de regras, busca que passa pelo deboche e pelo erótico com que capta o mundo. Sua poesia é um turbilhão de sarcasmo e de críticas à sociedade de classes e à opressão ao homossexual, ao negro, ao desviante, ao miserável, etc. (GAMA FILHO, 1990, p. 560).

Reinaldo Santos Neves

Mapa da literatura feita no Espírito Santo 97

Capa de *Poiezen* e *Bundo e outros poemas*, de Waldo Motta.

Capa do *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo* (2019), de Reinaldo Santos Neves, e verbete sobre Waldo Motta.



VALDO MOTTA (7) começa a escrever aos 20 anos já com uma certeza: o poder da palavra poética como único elemento capaz de despertar nos homens a verdadeira vida por investir nela um sentido real. A poesia - o grito poético - é essencial, supera o desejo e a morte, desperta a consciência e move os corações.

Se eu bater minha cabeça
nos paralelepípedos desta rua isolada
até reduzi-la a farelos
não resolve porque o mundo continua.
Mas se eu gritar gritar gritar talvez
desperte os homens dessa catalepsia.

("O momento profundo" - Pano rasgado)

Capa da *História da literatura do Espírito Santo* (2023), organizado por Reinaldo Santos Neves, e verbete de Deny Gomes sobre Waldo Motta.

Além de seu trabalho como escritor, a entrevista aborda o seu reconhecido trabalho como tradutor. Sua concepção de tradução reflete-se em sua escrita, contribuindo para um plurilinguismo literário que enriquece seu projeto ético-estético. Também abordamos sua relação com o público e a recepção da sua obra, que apesar das dificuldades enfrentadas pela cena cultural no Espírito Santo, transcende fronteiras geográficas e culturais, sendo apreciada em contextos internacionais.

Por fim, discutimos o papel da arte em nossa sociedade. Em meio a um cenário político conturbado e polarizado, Motta enfrenta desafios relacionados ao racismo, machismo, homofobia e outras formas de opressão, tanto em sua vida pessoal quanto em sua escrita. No entanto, sua poesia e suas pesquisas sobre o sagrado têm o poder de desafiar essa onda avassaladora de ódio, violência e destruição, oferecendo uma visão de mundo libertária.

O diálogo de Waldo Motta com seus leitores, admitindo a dimensão ética da refutação, emulação, crítica e interpretação, pode contribuir para resolver os problemas causados pelo “fanatismo e pela burrice generalizada”, ou ao menos servirá para desacomodar os círculos restritos da comunidade acadêmica.

V.C. e C.L.: Você estreou com a plaquete *Pano Rasgado* (Edição do Autor, 1979) e desde então tem uma produção prolífica, com destaque para *Eis o homem* (FCAA/Ufes, 1987), *Bundo e outros poemas* (Editora da Unicamp, 1996), *Transpaixão* (1ª ed. Kabungo, 1999; 2ª ed. Edufes, 2008) e *Terra Sem Mal* (Patuá, 2015). Repensando sua vida, obra, doutrina e poética, como você caracteriza a sua trajetória até aqui? Quais foram as experiências e reflexões mais marcantes?

W.M.: Até onde consigo retroceder nas lembranças, creio que a experiência mais marcante de minha vida foi uma doença misteriosa que tive na infância, por volta dos três anos de idade. Sentia uma dor insuportável no baixo ventre, que me fazia rolar no chão, a gemer e chorar e não sei mais o quê, pois não consigo lembrar de muitos detalhes. Mas recordo bem uma cena em que, alguns metros acima do chão de terra batida de nosso humilde casebre, meu espírito ou algo assim contemplava o meu corpo estendido no chão. Noutra ocasião, ainda sofrendo do mesmo mal, outra cena semelhante: flutuando no ar, eu contemplava o meu corpo nos braços de meu pai, que chorava e dizia: oh, meu Deus, meu filhinho morreu. Enfim, morri e ressuscitei duas vezes. Acabei sendo curado por um enema de água de maxixe maduro, recomendado por um curandeiro chamado Misael, da cidade de Três Corações, Minas Gerais, que

também era vidente ou algo assim e fez revelações espantosas e verdadeiras sobre os problemas que afligiam a nossa família.

Essa experiência me marcou profundamente e certamente determinou em grande medida a minha obsessão em pesquisar e entender os significados, segredos e mistérios relacionados ao ânus. Afinal, a minha cura ou salvação veio pelo ânus.

Entre as reflexões mais importantes de minha vida, lembro vagamente de três ocorridas ainda na infância, e todas fortemente vinculadas à experiência. Uma delas é a seguinte: ao ver, na televisão, a cauda incandescente do foguete que subiu ao céu, rumo à Lua, com os astronautas, fiquei impressionado com o detalhe do fogaréu na cauda incandescente. E passei a fazer associações dessa imagem com ascensão ao céu, deuses, anjos e quejandos.

Outra reflexão importante, vinculada à anterior, e também inspirada pela experiência. Ao repreender a prole traquinas, bagunceira, minha mãe costumava dizer: abaixem o fogo no rabo. Tantas vezes ouvi esta expressão, e nela tanto meditei, que fiquei definitivamente convencido de que o fogo da vida, da alegria está no rabo.

Uma terceira reflexão marcante foi quando, entrando na adolescência, fiquei a meditar que devia existir, em algum lugar, alguma chave oculta, algum segredo bem guardado, algo misterioso que pudesse explicar as estranhezas e os horrores deste mundo, e talvez, quem sabe, até ajudar a resolver nossos problemas.

Esses acontecimentos de minha infância determinaram os rumos de minha formação, as leituras à margem do cânone acadêmico, a construção de minha visão de mundo, ou doutrina, isto é, o meu sistema de pensamento (que alguns consideram ideologia), a formulação de minha poética do sagrado e a elaboração de poemas e textos diversos com essa temática.

A minha trajetória é a de um aventureiro a percorrer diversos campos de saberes em busca de respostas para muitas questões. Dentre tais questões, destacam-se as possíveis relações entre sexualidade e religião, corpo e espiritualidade, o ânus e o sagrado – duas palavras que parecem designar coisas incompatíveis entre si, mas compartilham significados comuns: vergonhoso, infame, ignóbil, separado, isolado, intocável.

Na plaquete *Pano rasgado*, de 1979, o título do primeiro poema é “Carta a Deus”, que começa indagando sobre o lugar sagrado, assim: “em que pico / ou penico”. Nessa época, aos 20 anos, eu não conhecia a Bíblia e quase nada sabia de misticismo, religião, espiritualidade. Mas já era movido, sem o saber, por um espírito escatológico, apocalíptico, revelacional.

Note-se que o título *Pano rasgado* sugere fortemente um desejo de falar a verdade, de revelação.



Detalhes de São Mateus, nos anos 1970, uma das referências de Waldo Motta: Praça São Benedito, Porto e rodoviária (Fotos sem crédito).





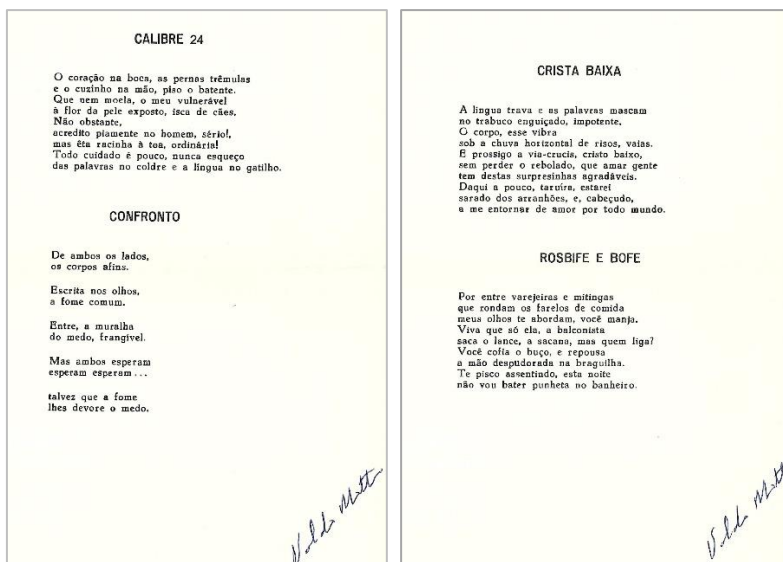
Waldo Motta nos anos 1970, em São Mateus.





Acima, Waldo Motta (à direita) nos anos 1970 com o Grupo Mateense de Teatro Amador (Grumata) e em cena de *O médico à força* (Fotos de Datan Coelho).

Quando fiz vestibular para ingresso na Ufes, em 1981 ou 82, eu optei pelo curso de Comunicação Social, almejando ser jornalista, que era, a meu ver, o profissional cujo trabalho é falar a verdade. Mas logo percebi que as coisas não eram e não são bem assim no mundo jornalístico.



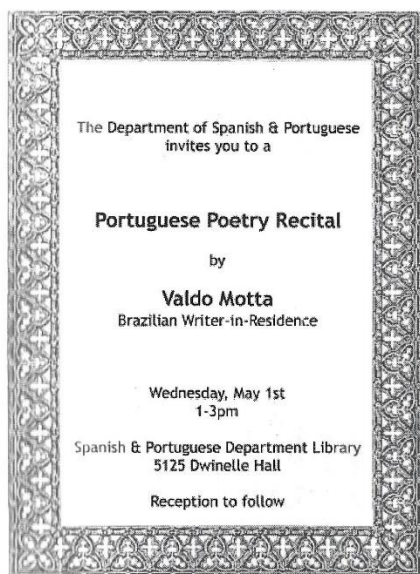
Folhas avulsas com poemas e autógrafo de Waldo Motta nos anos 1980.

Tive outras experiências fortes, marcantes, de caráter, digamos, mais espiritual.

A mais impressionante talvez seja aquela em que conversei com um espírito incorporado em minha irmã de sangue, Marlene Motta. Ele disse ser um espírito de luz, pertencente à nossa família. Falava com voz e linguagem que me evocavam um preto velho. Nessa época, meados dos anos 1980, eu tinha um profundo interesse pelo budismo, além das religiões afro-brasileiras. Perguntei, então: um ser iluminado? um Buda? Sim, isso mesmo, disse ele. E revelou que eu tinha o dom de curar pessoas com minhas mãos. Surpreso, perguntei: Mas, como? O que devo fazer? Você saberá, ele me disse. Eu estarei sempre com você.

Pouco tempo depois, através de uma colega de trabalho, a quem eu havia curado, simplesmente afagando sua testa, de uma dor de cabeça, fui convidado, ou melhor, convocado para ir a um terreiro de Umbanda ou Candomblé, e lá fui saudado pelas entidades incorporadas, exus e pombas giras, como o Buda. Quando entrei no recinto sagrado, as entidades disseram em uníssono: é o Buda.

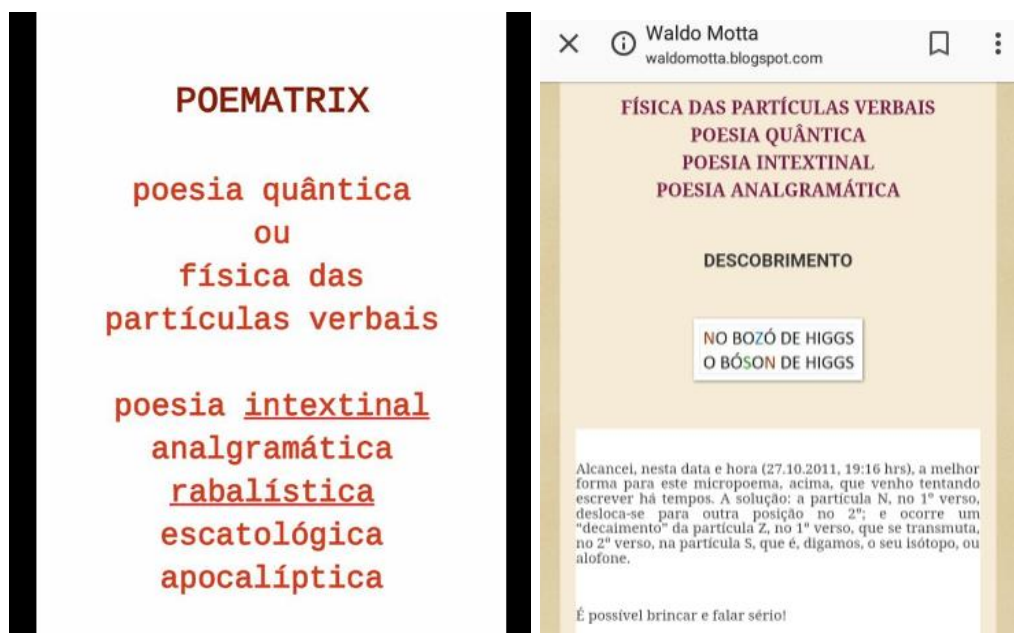
Uma década e meia após essa experiência, numa praça na Universidade da Califórnia, em Berkeley, Estados Unidos, após receber uma ajuda de 5 dólares que lhe dei pela apresentação de música e dança irlandesas que fizera, com seu grupo cultural, um desconhecido me olhou longamente e disse: você é o Buda.



Convite para o recital de poemas de Waldo Motta, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em maio de 2002.

Os sonhos repetidos com estrelas semoventes no céu noturno são experiências marcantes de minha trajetória espiritual. Dentre esses sonhos, talvez o mais impressionante seja aquele em que estrelas caíam lentamente do céu e se transformavam em pedras brancas, cada qual com uma letra do alfabeto hebraico nela inscrita.

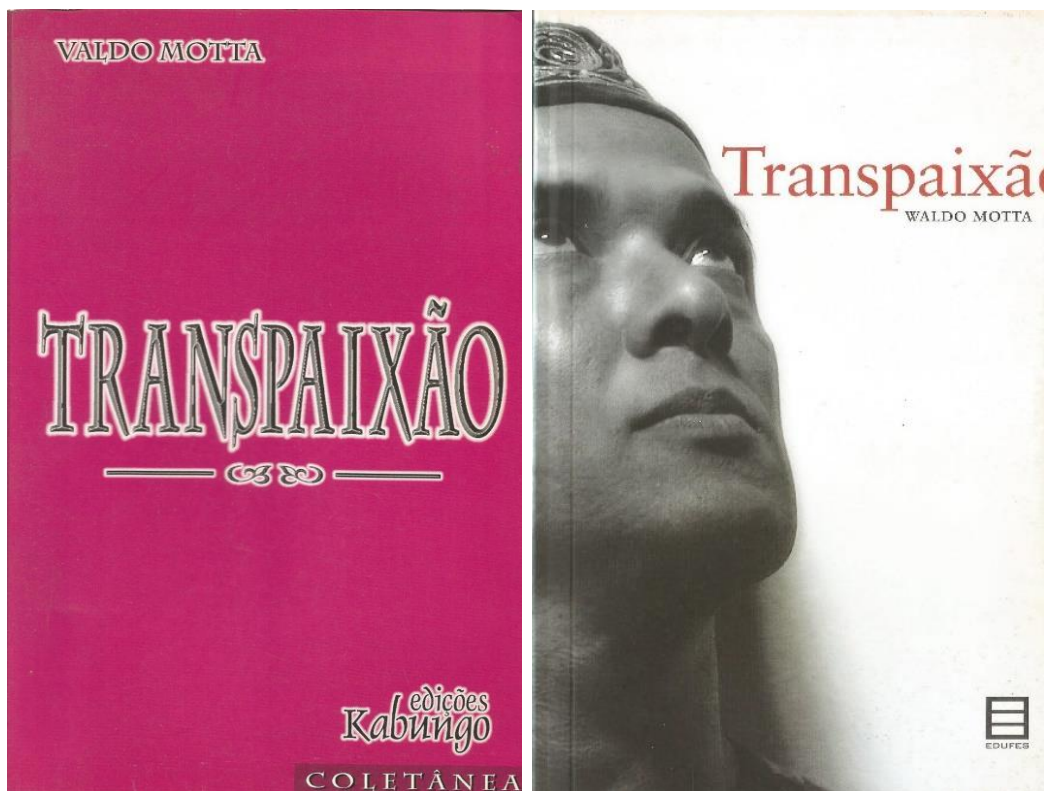
Um pouco antes ou depois desse sonho, descobri mensagens ocultas no alfabeto hebraico, ao pesquisar as simetrias possíveis entre as letras. Essas mensagens, sob a forma de poemas visuais aparentemente invisíveis, vieram confirmar e aprofundar todas as minhas descobertas anteriores a respeito de um substrato anal e homoerótico na linguagem bíblica. Estas mensagens, ou poemas secretos, compõem a série Poematrix e Poesia Quântica ou Física das Partículas Verbais.



Postagens de Waldo Motta, em agosto de 2017 e março de 2019, em sua rede social.

Tive outros sonhos impactantes que me forneceram revelações e orientações, desde um sonho ocorrido na infância em que eu via um céu multicolorido, como se tivesse sido pintado à mão, até sonhos impressionantes que tive com o meu pai, os quais ainda não tive coragem de revelar.

V.C. e C.L.: Em "Palavras do Autor", de *Transpaixão* (Edufes, 2008), você denominou o estilo e/ou método que inventou como "escatológico, apocalíptico ou paraclético". Recentemente, em 19 de agosto de 2023, no Facebook, você descreveu o seu estilo como "transgênero literário, quimera estética", por não seguir gêneros e fórmulas convencionais. Como é o seu processo criativo? Como ocorrem os trânsitos que você promove entre diferentes expressões (poesia, prosa, teatro, numerologia, cabala) e suportes (papel, tela e voz)? Comente sobre as opções formais e temáticas que orientam seu método de escrita, seu projeto ético-estético e sua experiência com o sagrado.



Capas do livro *Transpaixão*, de 1999 e 2008.

Waldo Motta

POESIA - arte ciência religião

"(...) eu penso que a poesia de Waldo Motta tem muitos lados de novidade. (...) A começar pela riqueza e variedade formais, raras hoje em dia, que revelam uma capacidade poderosa de incluir mundos e experiências as mais particulares, desde a gíria até referências míticas, religiosas e sexuais, ampliando a experiência existencial de um escritor que procurou entender sua homossexualidade por vias inusuais. (...) *Bundo* é uma síntese desse aprendizado e do diálogo com as principais tendências contemporâneas da poesia brasileira."

IUMNA MARIA SIMON



Página inicial do blog de Waldo Motta.

W.M.: O meu processo criativo desde o livro *Bundo*, publicado em 1996, inclui muita pesquisa de assuntos vários, com maior interesse por aqueles relacionados ao sagrado, estudos linguísticos, culturais, profunda reflexão, constante experimentação formal, muita liberdade com alguma disciplina.

Insatisfeito com as convenções estéticas, quase sempre priorizo a dimensão ética e a coloco em primeiro plano. Desafio as limitações de gênero textual, numa escrita camaleônica, e num estilo multifacetado, transgênero.

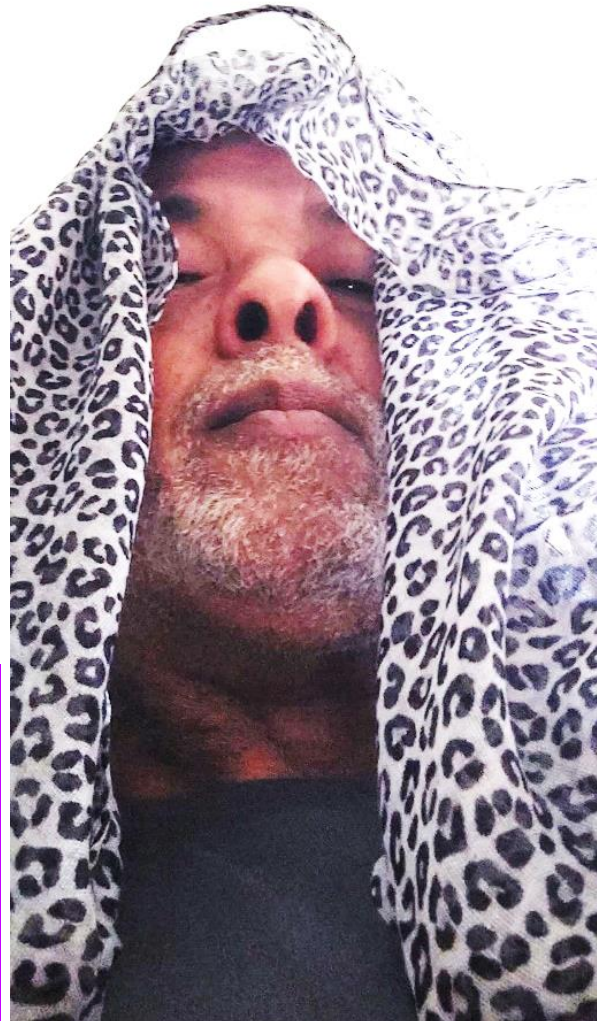
A minha descoberta de um substrato anal e de uma teologia homoerótica em certas páginas bíblicas levou-me à formulação poética desses achados, que têm efetivamente um caráter escatológico, por remeter às fezes e à ideia de fim de ciclo orgânico, período histórico; e apocalíptico, por constituir uma revelação devastadora, capaz de por fim a milênios de leituras superficiais e interpretações equivocadas a respeito do sagrado. Essa formulação poética está fundamentada

em todo um sistema de pensamento, inspirado não apenas na Bíblia, mas também em fontes religiosas, mitológicas, antropológicas de culturas diversas.



Selfies de Waldo Motta, em 2019 (Fotos de sua rede social).

Essas descobertas sobre o sagrado, sempre vinculado ao ânus, levaram-me à formulação de um apocalipse (revelação) ou um evangelho (boa nova), que eu costumo chamar de Evangelho de Waldeusa ou Apocalipse de Jeowalda, e que se expressa de todas as formas possíveis, num estilo camaleônico, transformista, transgênero literário, quimera estética, cara de gato, fucim de teiú, como eu disse.



“Chegou para abalar e derrubar mansões filosóficas, castelos de ilusões metafísicas, suntuosas catedrais de fantasias e tapeações teológicas” (2021).
Postagem e selfie (2023) de Waldo Motta.

Por longo tempo, andei meditando sobre a origem da poesia e suas funções. Algumas leituras e reflexões sobre o tema, levaram-me à conclusão de que a poesia oferece possibilidades de criação de realidades pessoais, sociais, políticas, espirituais, ambientais. É a palavra em estado demiúrgico, em sua potência mágica, como na voz do poeta arquetípico Orfeu, como nos lábios de Jesus nos Evangelhos, ou dos profetas bíblicos, ou na boca de Exu, que é o Senhor da palavra.



Orfeu tocando sua lira, de Benedetto I Gennari (séc. XVII); "Cristo", de El Greco (c. 1590), e "abre os caminhos, Exu", de Emerson Rocha (2021): referências míticas da poesia de Waldo Motta.

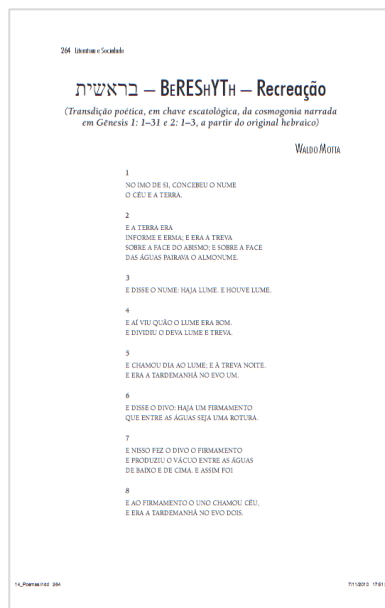
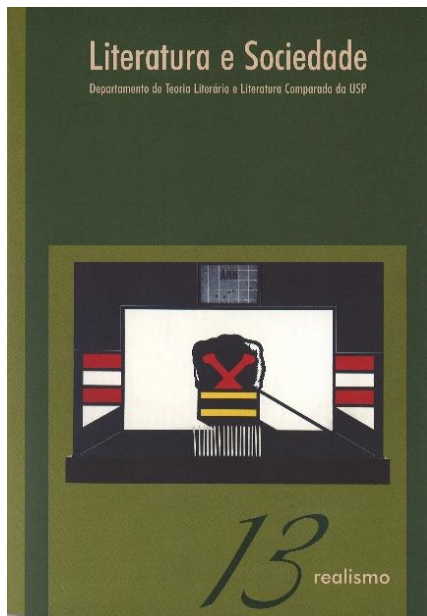
A poesia é a mãe de todos os gêneros literários, e esses filhos possuem características formais e funcionais da progenitora, digamos assim. Entretanto, tenho forte aversão à concepção essencialista de poesia como fenômeno estético, identificável por traços como ritmo, jogo de imagens, economia verbal, porém limitada à descrição e estetização da realidade ordinária, tanto a objetiva quanto a subjetiva. A função maior da poesia, pelo que se infere do étimo, seria criar, inventar outra realidade. Não é refletir o mundo, mas transformá-lo, como propunha Maiakovski.

Uma outra concepção de poesia, provavelmente anterior aos gregos, que muito me agrada e orienta a minha produção, é a de revelação de realidades ocultas, não alcançáveis pelo senso comum. É a poesia dos videntes e profetas.

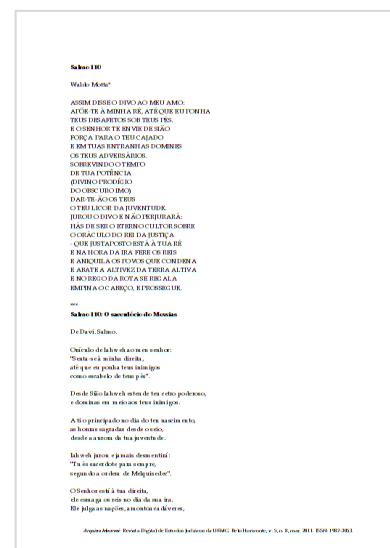
Quanto à minha experiência com o sagrado, ela consiste em celebração, veneração, respeito e observância de certos rituais criados por mim mesmo, a partir de estudos numerológicos, cabalísticos, datas específicas, aspectos astrológicos.

V.C. e C.L.: Você é tradutor, com publicações que incluem passagens bíblicas do hebraico – Gênesis 1:1–31, 2:1–3 (*Literatura e Sociedade*, v. 15, n. 13, 2010) e Salmo 110 (*Arquivo Maaravi*, v. 5, n. 8, 2011) – e dois livros infantojuvenis de Jana Bodnárová: *A árvore que veio de*

longe (Cajuína, 2020), traduzido do inglês, e Visagens do lago mágico (Cajuína, 2022), traduzido do alemão. Também publicou poemas plurilíngues, como “Numinosnamen”, em Terra Sem Mal (Patuá, 2015). Que concepção de tradução orienta seu trabalho? Você vê traços em comum entre sua tradução e suas outras escritas? Qual é a função do plurilinguismo literário em seu projeto ético-estético?



Capa de *Literatura e Sociedade* (2010) e página com transdição de Waldo Motta.



Capa de *Arquivo Maaravi* (2011) e página com transdição de Waldo Motta.



Postagem de Waldo Motta com suas transdições em sua rede social (2017).

W.M.: Assim como a ciência submete a numerosas provas uma proposição teórica para testar sua validade, sua verdade, procuro demonstrar com numerosos argumentos e formas literárias, uma mesma verdade, a verdade do sagrado. O sagrado ocupa não apenas o centro da linguagem religiosa, mas de todo o complexo cultural. Acredito fortemente que a concepção de sagrado como lugar, coisa ou algo que não pode ser tocado, inacessível, indizível, incomunicável, praticamente proibido, está profundamente associada à ideia de propriedade privada. É uma concepção ideológica, capitalista, perversa, enganadora, diabólica.

Indignado com essa exclusão do povo, a minha obsessão é desvelar o sagrado e democratizar o acesso a todos os benefícios que ele possa oferecer. O sagrado está no centro de todos os problemas humanos, e identifica-se como algo intocável, separado, isolado, proibido, que, paradoxalmente, é o lugar da redenção, da alegria, da completude, da felicidade, para o homem religioso, lembrando uma passagem de Mircea Eliade. Também identifica-se como algo vergonhoso, desprezível etc. Definições obviamente ideológicas, moralistas, repressoras e absolutamente questionáveis.

A função do plurilinguismo é basicamente a mesma que me impulsiona a experimentar numerosas formas de expressão para revelar a identidade ou natureza do sagrado, que é o mesmo em todos os tempos e lugares, sempre oculto sob véus metafóricos, simbólicos.

Boa parte de minha produção poética a partir de *Bundo* pode ser considerada uma espécie de tradução, ou transdição, ou transdicção. É um processo de redizer em linguagem acessível o que diz, geralmente de modo cifrado, enigmático, a tradição de numerosas culturas sobre o sagrado.

Já disse muitas vezes que a minha poesia apresenta uma cosmovisão anal. Em se tratando de cosmovisão, ou mundividência, isso implica a universalidade de minhas ideias, arraigadas e fundamentadas em referências culturais de origens diversas. Como tenho especial interesse pela temática do sagrado, sou compelido a buscar as raízes linguísticas de ideias e conceitos associados a esse assunto na cultura universal. Antropofagicamente, tudo devoro, rumino, combino, depuro e sintetizo, orientado por uma matemática intuitiva, simbólica. Em meu livro *Bundo*, o título é uma palavra negra da língua quimbundo, mas quase todos os poemas são inspirados na Bíblia e apresentam uma perspectiva de leitura anal, homoerótica.

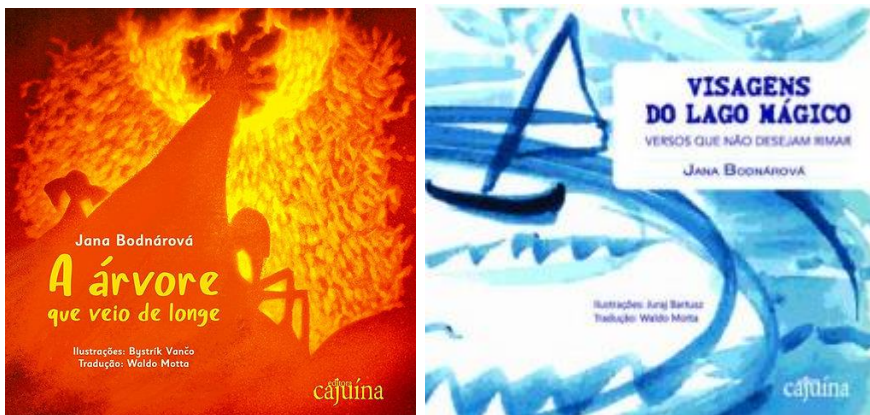
Pode-se dizer que tenho uma forte vocação ecumênica, uma natureza ou espírito universalista, coisas que números e símbolos associados ao meu nome de batismo e data natalícia podem explicar.

Esse ecumenismo está presente em meus métodos de tradução e criação literária, em que sempre busco os nexos analógicos, simetrias, harmonias, aproximações entre referências de contextos diversos, numerosos.

Eu poderia dizer que a concepção de tradução que orienta o meu trabalho é a consciência da universalidade de certos padrões e traços recorrentes da criação

literária, mormente da poesia. Além disso, guio-me pela intuição, afinidades ou simpatias, e sobretudo amo desafios. Tradução é um modo diferente de dizer a mesma coisa, emulação, paráfrase.

As minhas traduções de parte do Gênesis, Salmos 1 e 110, constituem os primeiros exemplos do que chamo de transdição ou transdicção. A tradução de *Visagens do lago mágico*, da autora eslovaca Jana Bodnárová também segue os princípios e métodos de leitura e criação do meu sistema de pensamento.



Capa dos livros de Jana Bodnárová, transditos por Waldo Motta.

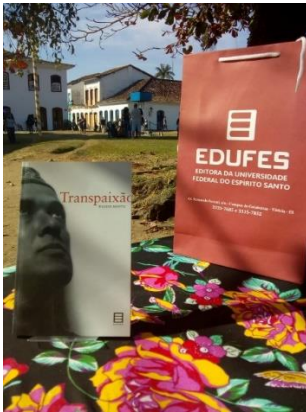
V.C. e C.L.: Para quem você escreve? Avaliando o modo como elabora o estilo e a destinação de sua escrita, há um tipo de leitor específico ou público-alvo ao qual se endereçam seus textos? Existem interlocutores que leem seus textos antes da publicação? E como você entende o contexto amplo de recepção de seus textos – literário, cultural, intelectual, linguístico, socioeconômico e político?

W.M.: Escrevo para todo o mundo, de modo tal que todo mundo me entenda. Diferentemente da maioria dos poetas, sou um tipo de poeta que tem uma mensagem, um sistema de pensamento, ou doutrina, a oferecer. Em sendo um poeta escatológico, apocalíptico, a minha poesia caracteriza-se sobretudo pelo constante gesto de desnudamento do sagrado, de revelação do divino. Uma poética revelacional, anticríptica, não tem cabimento lançar mão de

procedimentos herméticos, obscurantistas, estetizantes, elitistas. Frequentemente utilizo linguagem coloquial, em dicção mais elaborada, além do mero registro, recursos dramáticos, com predomínio da logopeia.



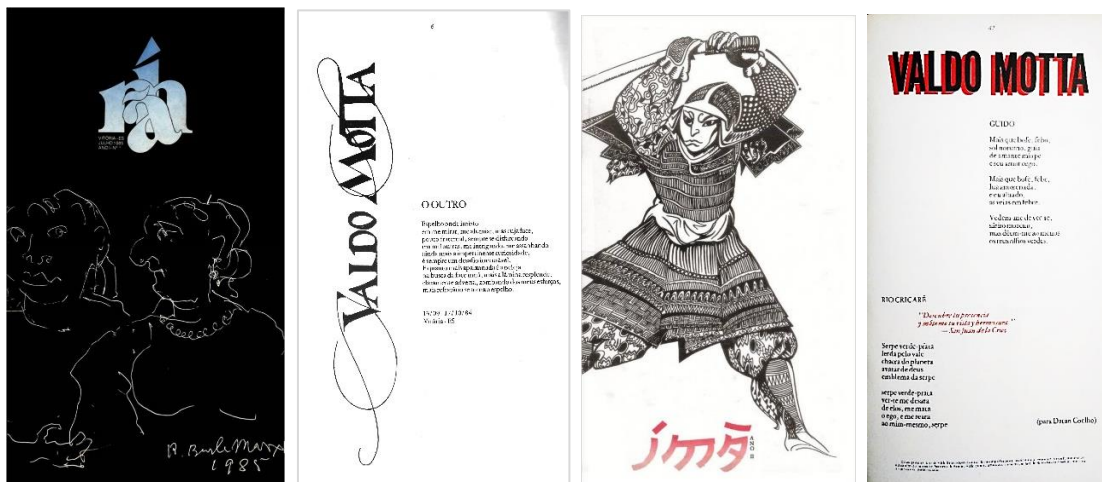
Lançamento de *Transpaixão* (edição da Kabungo), em 2004.
(Fotos de Ricardo Aguiar).



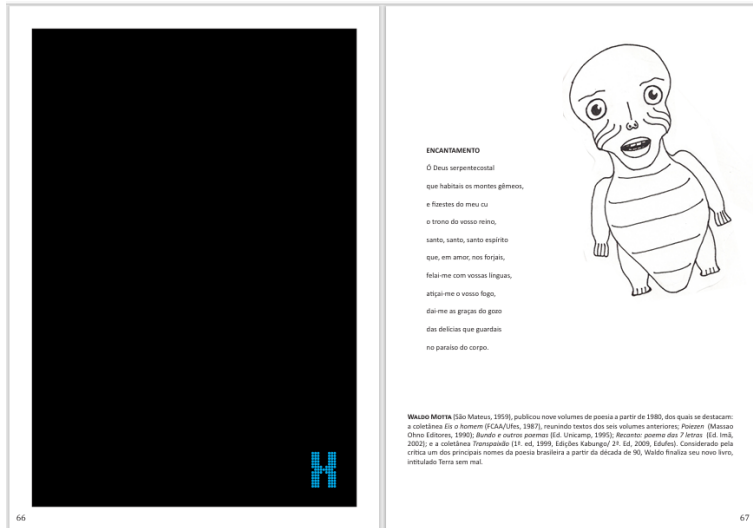
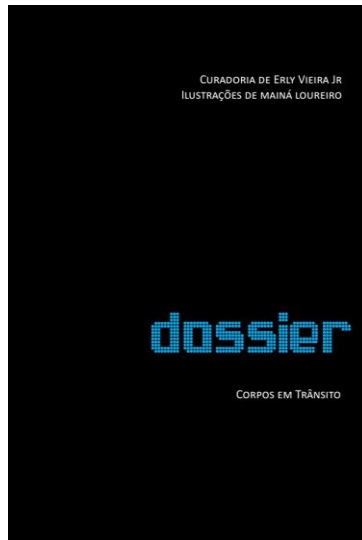
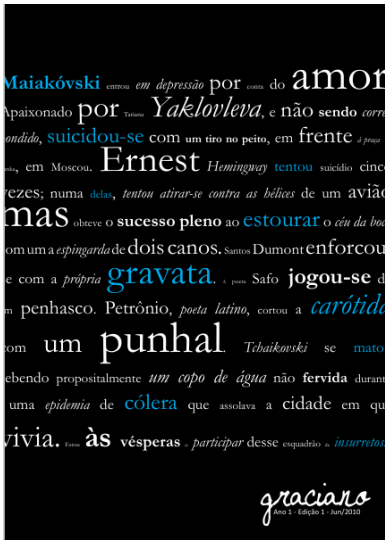
Lançamento de *Transpaixão* (edição da Edufes), de Waldo Motta, na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), em 2019.

É bastante evidente em minha poesia uma preocupação ética muito forte, embora a expressão estética seja rica, variada e não deixe a desejar.

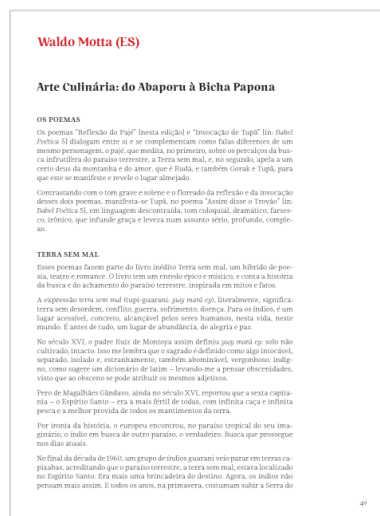
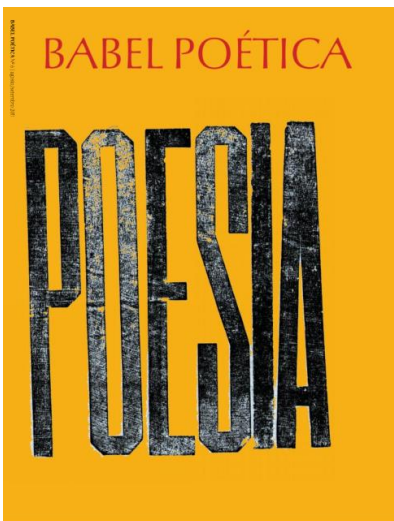
Raramente, sinto vontade de mostrar e discutir textos em andamento. Não tenho interlocutores nessa fase do processo criativo. Entretanto, algumas vezes já mostrei e divulguei em revistas, jornais e mídias sociais alguns poemas e escritos que foram enfeixados em livro posteriormente. Já cheguei a mostrar originais a amigos no começo da carreira, mas hoje em dia não tenho mais grande interesse em opiniões sobre o meu processo criativo, sobre obras em andamento.



Capas da revista *Ímã* (n. 1, de 1985, e n. 2, de 1986), editada por Sandra Medeiros, com poemas de Waldo Motta.



Capa da revista *graciano* (2010), editada por Eryl Vieira Jr., e poema "Encantamento", de Waldo Motta, na seção "Dossier: corpos em trânsito".



Revista *Babel Poética* (2011), com textos de Waldo Motta.

Capará e Euzé rituais, em que invocam o deus da montanha, para que este se manifeste e lhes diga onde encontrar o misterioso paraíso. Mas trata, descobri que o nome da pássar que lidera tais encontros significa buracuinho, gratinho, ovoísta ou laranja.

Inspirados nestes mitos indígenas, entre outras fontes, os poemas de Terra sem mal satirizam as concepções e as buscas, exaustivas e infrutíferas, de lugares paradisíacos, em todos os tempos e lugares. É uma crítica às utopias, aos projetos sofisticados, econômicos, sociais, religiosos. E não se limita a criticar e lamentar, também sugere onde se pode encontrar esse lugar fangoso e misterioso a zona proibida do corpo. Proibida desde que a humanidade existe, conforme o mito bíblico do paraíso. Sexualidade e religião sempre andaram juntas, aos topas e bejis.

Em 2008, dirigi uma montagem teatral da maioria dos poemas desse livro: a peça Terra sem mal – um misterioso budante e deleitoso, que também chama de poeira de terra azul e rosa. A coreografia calcada, digo, poeira azulada e bandeira do Espírito Santo.

Terra sem mal, o livro, não deve ser lido como apenas sátira, graça, antes de tudo, denunciar um tema sério, com profundas implicações culturais. Apresento uma visão simbólica da história, da geografia, vinculando o imaginário mítico dos colonizadores, entre outros, com a filosofia, a religião e os mitos indígenas que falam da existência do paraíso terrestre.

Após a publicação de Jundu e outros poemas, em 1996, passei a me preocupar com o que diz em seu primeiro livro, a minha vontade era buscar inspiração na cultura indígena. Em Jundu, eu havia explorado buscar fontes como Bíblia, Cabala e mitologia hindu, budista, magi etc. que me ajudaram a construir um sistema de pensamento, uma cosmologia heterodoxa. Agora, eu quero ampliar e consolidar essa visão, esse sistema. E precisava de mais referências.

Após longo dos anos, pesquisei dicionários de tupi-guarani, livros, revistas, jornais, e, sendo como referência os mitos, a filosofia e a religião indígenas, criei os poemas do livro Terra sem mal.

No ano 2000, com o projeto deste livro, indicado pelo Instituto Goethe, gastei dois meses no Museu Goethe em Munique explorando fontes como Bíblia, Cabala e mitologia hindu, budista, magi etc. que me ajudaram a construir um sistema de pensamento, uma cosmologia heterodoxa. Agora, eu quero ampliar e consolidar essa visão, esse sistema. E precisava de mais referências.

Inspirei-me na estrutura dos livros Mensagem, de Fernando Pessoa, Romancinho da Joca, de Cecília Meireles e História do Brasil, de Murilo Mendes. Alguns poemas evocam os mitos e alegorias transmutadas de Anchieta, O Visconde e Caldeirão da Barca, Adolfo e Helena, que se repetem em Karl Marx, de que a História é uma sucessão de tragédias e comédias, um teatro, um sonho, um pesadelo! Há teatro amador na adoração e no não ser no livro das sequências dessa experimentação. Há fui comparado a Ariadna e reconheço algo brechtiano em meu estilo.

No que tange ao conteúdo, consultei também vários autores, dentre os quais lembro Câmara Cascudo, o cavalheiro e Hélène Clastre e Kurt Nimmerjahn Ullrich.

30



Sucedem-se poemas narrativos, descritivos, fábulas, monólogos e diálogos de personagens: Jugar, Luz, Pá, Tuq, harupari etc. Amalgamo referências de fontes diversas, com ampla liberdade formal, o que resulta num estilo campolobato, transformando, um transgênero literário, tratado filosófico e religioso, em científico, poética cultuária antropofágica e o diálogo a quatro, melhor, de quatro.

POÉTICA

Poesias não são apenas faixas de versos, mas sobretudo criadores de novas realidades abstratas e concretas, pessoais e sociais. A poesia é a sede de todas as artes, crítica e religiosa, filhas irmãs. Não adianta escrever os poemas, impasses, aporias, quadros criados pelas filhas irresponsáveis.

Legitimiza renovação, inovação de ideias, temas, abordagens, perspectivas, reações contra o existente, a poesia é o eixo, o eixo, a moldura, a estrutura temática, a arena espiritual, a moradia apocalíptica. Leitores não se interessam por ideias e temas que pouco ou nada oferecem (Baudrillard).

Desenho do panorama melancólico: gorgos maçoetes, subjetividade rasa, be-huta de entenas nos botões e gurgulhas noções do sublime, devotas da música autômata e psicodélica, séries desfiladas, garças poetas, aporia, entopia.

Diálogo intertextual, intercultural. A poesia é um diálogo entre autores, e dentro em si mesma, fardada debechar, swalhar, faldada de-deitar, redirecionar, crítica e reformulação de ideias.

Poesia, vazio, profeta, magia, poesia mágica, vaticínio profético. Poesia, arte, crítica, religião. Poesia, revolução, crítica.

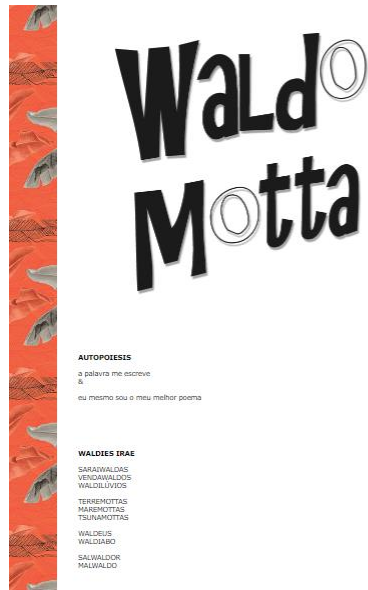
Doi na frente, curo atrás verdade e beleza, ética e estética; conteúdo e forma. Poesia: autopoiesis, metapoiesis, mitopoiesis.

Valorizar as formas simples, tradições populares, lendas, mitos. Reabertura da agenda modernista expressão de Paul Antólio: antropofagia, linguagem coloquial, temas pacifistas, humor. A prova dos nove é a alegria, como Oswald dia e repetem os Waldes. Há disse por aí, quando era Valdo espero que o mundo acabe em guerrilha... dos que resistem.

A crítica é mais eficaz com humor, ironia. Risando caíngue moes. Malandragem waldiana, utilizo várias máscaras e o burlesco em minha linguagem, para seduzir e converter, tuma Maria Simon, no ensaio "Revelação e Desencanto", já havia usado em minha poesia, particularmente em Jundu e outros poemas, essa relação entre sagrado e comédia, a ambivalência do profeta que se faz satirista.

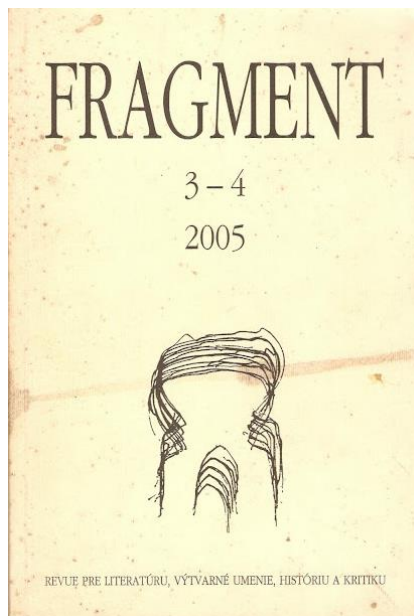
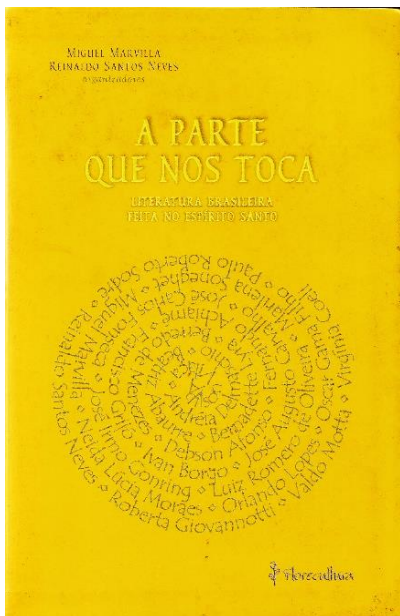
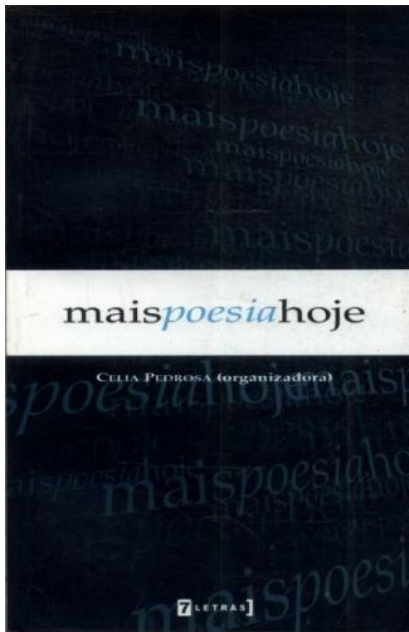
Inscrito em São Marcos 116-118-120 em Vitória, ES, maio em: <http://waldmotta.blogspot.com.br/>

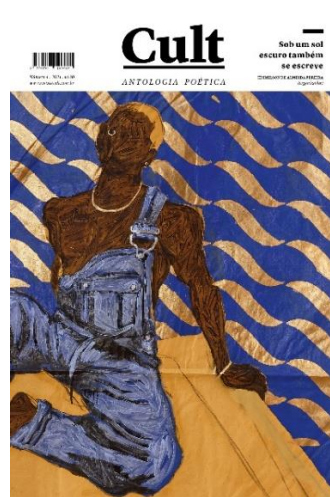
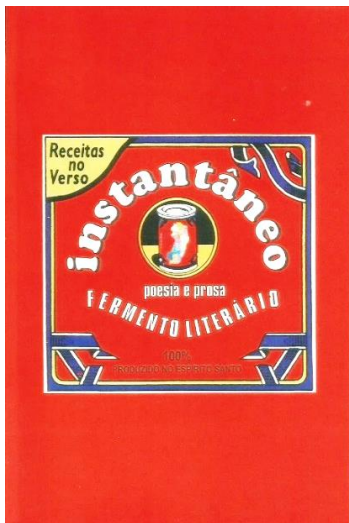
32



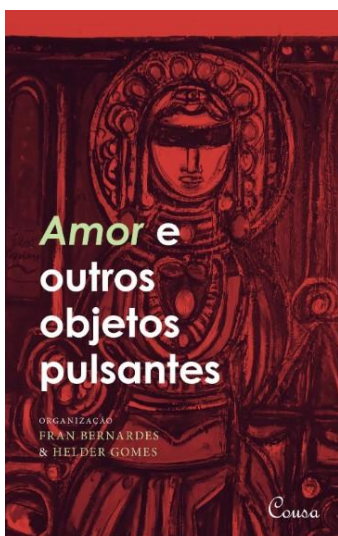
Postagem da *germina: revista de literatura & arte* com poemas de Wald Motta.

Esse tal contexto amplo de recepção de minha obra, de que você fala, eu não conheço muito, não sei dimensionar. Sei que sou o poeta capixaba mais divulgado, estudado e debatido em nível nacional, quiçá internacional, porém quase exclusivamente em meios acadêmicos, em escolas, e bem menos no meio literário, mas continuo sendo quase totalmente desconhecido do grande público que almejo alcançar e necessita conhecer a minha revelação.





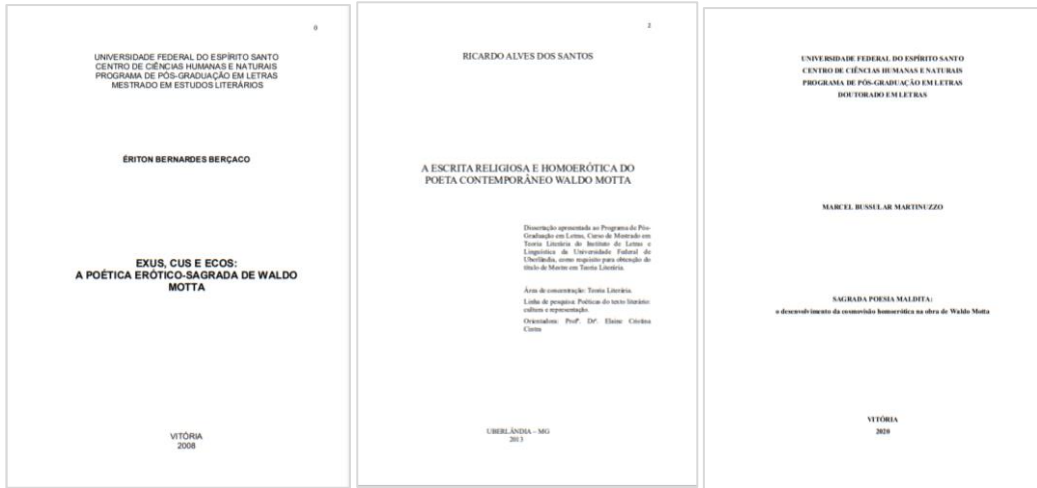
Antologias em livros e revistas de que Waldo Motta participou.
Respectivamente: *Mais poesia hoje* (2000), *A parte que nos toca e Fragment* (2005), *Instantâneo* (2013), *Vinagre* (2021), *Cult: antologia poética* e *Amor e outros objetos pulsantes* (2023).





"dixit" (2023), postagem de Waldo Motta em rede social, ladeada por selfie (2017) e fotografia do poeta.

V.C. e C.L.: O Espírito Santo é um estado que costuma receber pouca visibilidade na cena cultural nacional. Nas entrevistas do projeto *Notícia da atual literatura brasileira* foi possível constatar a percepção quase unânime entre dezenas de escritores residentes no estado no que diz respeito a circulação, distribuição e recepção restritas, com dificuldades para alcançar editoras e leitores fora daqui. Exceção à regra, você é reconhecido como um dos mais importantes poetas brasileiros contemporâneos, com circulação internacional. Como você avalia a recepção e o reconhecimento de sua obra? Qual é a importância de instituições como Ufes, Unicamp, Instituto Goethe, Landeshauptstadt München Kulturreferat e Universidade da Califórnia na apreciação de sua obra pela crítica especializada?



Capas de dissertações e teses sobre a poesia de Waldo Motta defendidas na Ufes e na UFU (Universidade Federal de Uberlândia).



Comentário de Wilberth Salgueiro sobre a poesia de Waldo Motta, no jornal *Rascunho*, de Curitiba, em 2019.

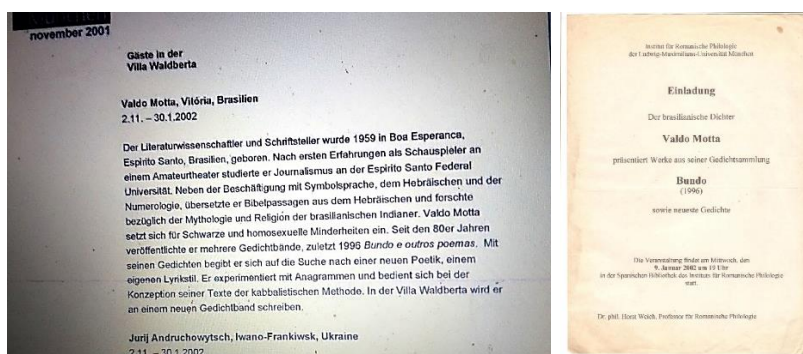
W.M.: É difícil entender esse reconhecimento de minha poesia, que não é tão grande assim, por ser, como já disse, restrito à esfera acadêmica, educacional, institucional e parte do mundo literário, artístico. Entretanto, acho que o forte interesse por minha poesia, nesses meios restritos, talvez se deva à temática predominante, às minhas fontes de inspiração heterodoxas, isto é, uma bibliografia meio esdrúxula, e certamente à "grande variedade de formas", e ao

“diálogo com as principais correntes da poesia brasileira” conforme diz Iumna Simon. Além da temática e da riqueza de formas de expressão, há um fator preponderante a considerar, que é o ponto de vista ou pensamento do autor, isto é, a logopeia, sem a qual a poesia não passa de drogadição estética, curtição.

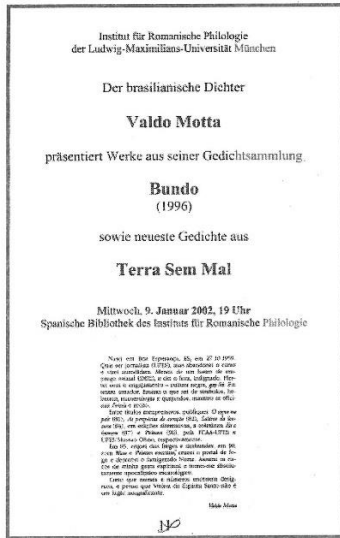


Capa da *Revista USP* e páginas de “Sobre a poesia de Waldo Motta” (1997-1998), de Iumna Maria Simon.

Ter publicado pela Ufes e Unicamp, ser reconhecido como grande poeta e indicado pelo Instituto Goethe ao Landeshauptstadt München Kulturreferat para residência artística na Alemanha, na Villa Waldberta, e a minha subsequente estadia como *writer in residence*, na Universidade da Califórnia, Berkeley, Estados Unidos, atuando também na Universidade de Stanford, são detalhes curriculares que pouco importam na valorização do artista de carne e osso, que sofre discriminação, que tem problemas de saúde, que necessita de dinheiro para viver com dignidade.



A poesia de Waldo Motta na Villa Waldberta, Alemanha.



Detalhes da Villa Waldberta, Feldafing, Alemanha, onde o poeta realizou sua residência artística no final de 2001 e início de 2002 (Fotos de Christina Garcia).



As minhas parcas conquistas, além de admiração e respeito de alguns, despertam inveja, ira e discriminação de muitos outros.



Cards com alguns dos eventos acadêmico (2013) e cultural (2021) com participação de Waldo Motta.



Waldo Motta homenageado na 1ª Festa da Literatura Periférica do Espírito Santo (Flipes), no Museu Capixaba do Negro, em Vitória, em 2024 (Foto de Vitor Cei, Adriano Smoke e Leonardo Silveira, respectivamente).

V.C. e C.L.: Historicamente, nota-se o silenciamento da voz e a repressão dos corpos que divergem do padrão branco, cis, heteronormativo. Como o racismo, o machismo, a misoginia, a

homofobia e outras opressões presentes na sociedade afetam a sua vida e a sua escrita? É possível afirmar que eles afetam, também, a recepção da sua obra?

W.M.: Racismo, machismo, misoginia, homofobia e tantas outras opressões são uma herança das religiões dominantes ocidentais, da moralidade bíblica, do judaísmo e do cristianismo.

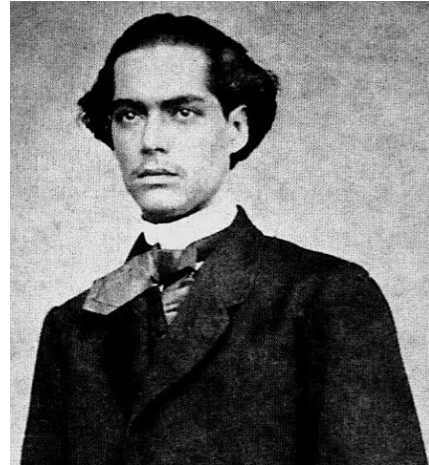
No meu ensaio “Enrabando o Capetinha”, afirmo que todo mundo tem cu e pelas costas, todos somos iguais. Por ser o lugar do sagrado, ou melhor, o próprio lugar sagrado, todos os seres humanos são dignos de respeito. Nada mais democrático, socialista e comunista do que o ânus, que simboliza a igualdade, a justiça e representa tudo que é socialmente considerado abjeto, inferior, desprezível, como o segmento lgbt, a mulher, o negro, o indígena, os pobres, os operários etc.



"Religião" de Waldo Motta por Fernando Gasparini

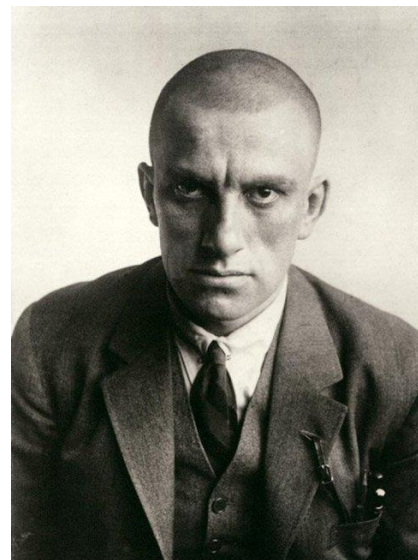
Leitura de poemas de Waldo Motta no programa *Poesia no ar* (2017), de Ivny Matos e Fernando Gasparini, no YouTube.

Poderia dizer que certo pendor social, libertário de minha obra poética e de meu pensamento talvez seja influência de Castro Alves, o primeiro poeta que li, na adolescência.



Castro Alves,
primeira leitura de poesia de Waldo Motta.

Também fiquei impactado pela poética de Maiakovski. Escritores e poetas malditos, rebeldes, engajados, loucos sempre me fascinaram.



Vladimir Maiakovski, poeta russo revolucionário,
um dos fascínios de Waldo Motta.

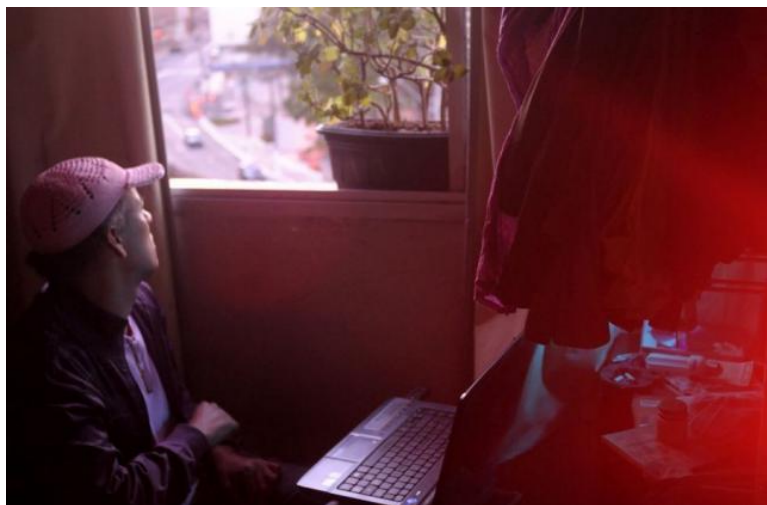
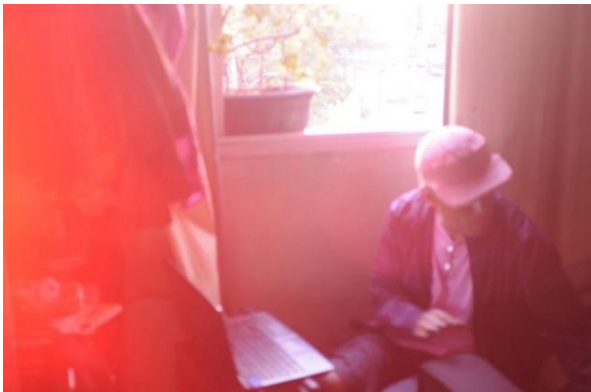
Embora não faça militância gay e negra, ou identitária, investi o máximo que pude na dimensão ética, sem abrir mão da experimentação formal, sempre buscando o máximo de expressividade.

No início da década de 1990, quando eu dava os primeiros passos na pesquisa do sagrado e suas relações com o ânus e a homossexualidade, dei uma entrevista ao estudante holandês, Sapê Grootendorst, em que já advertia que falar sobre homossexualidade e desejos homossexuais não poderia ser a única finalidade da literatura gay, que deveria oferecer algo mais, uma luz, uma compreensão, uma visão de mundo onde todas as coisas estivessem resolvidas. Enfim, procurei fugir do gueto estético, social e cultural que poderia ser entendido hoje em dia como identitarismo.

Mesmo com toda a fama conquistada graças à qualidade de minha poesia, sofri muita discriminação, por ser negro, homossexual e por apresentar uma visão de mundo libertária, ironicamente fundamentada em estudos bíblicos e outras referências religiosas, que incomoda uma sociedade machista, racista, homofóbica, misógina.

Entretanto, duvido muito da eficácia política da mera acusação, da crítica histórica, obsessiva, excessiva.

Sempre percebi a literatura como uma espécie de diálogo de alto nível não apenas entre autores, mas sobretudo com os leitores, e que, como diálogo, admite a refutação, a emulação, a paráfrase, a crítica, a interpretação. Infelizmente, a dimensão ética da poesia foi sobrepujada pelo esteticismo, transformando a obra em banquete elitista, inacessível à massa.



Ensaio fotográfico de Waldo Motta por Diego Nunes (2011).



V.C. e C.L.: Na última década, a crescente polarização política observada na sociedade brasileira mobilizou debates sobre o lugar da arte, com destaque para forças interessadas em controlar e censurar manifestações artísticas e culturais. Em 2018, 55% dos eleitores brasileiros – influenciados por notícias falsas e (des)motivados por niilismo, ressentimento e/ou ódio – elegeram um presidente da República que personifica a perversidade, o racismo, o machismo, a misoginia, a homofobia, a tortura, o autoritarismo, o imperialismo, o fundamentalismo religioso, o negacionismo científico e o desprezo por arte e cultura. Em 2022, quase metade dos eleitores votou pela repetição da barbárie. O que você imagina ou espera como desfecho do atual estágio do Brasil? Como sua poesia e suas pesquisas sobre o sagrado podem fulminar e dissipar essa onda avassaladora de ódio, violência e destruição?

W.M.: Há quase três décadas, em meu livro *Bundo*, eu já previa esse embate entre o fundamentalismo religioso e a sociedade laica, democrática, com seus anseios de liberdade, igualdade e construção de um mundo mais justo. Escrevi os poemas de *Bundo* com o objetivo de enfrentar e, quem sabe, até mesmo contribuir para resolver esses problemas causados pelo fanatismo e pela burrice generalizada. Assim, os próprios poemas de *Bundo* oferecem, a meu ver, uma possibilidade de solução ou de acirramento desses conflitos, pelo fato de conterem uma revelação do sagrado, apoiada em argumentos sólidos, pesquisas

bíblicas e referências de fontes diversas da tradição mística e religiosa ocidental e universal – que contraria o senso comum e as leituras superficiais e literais do discurso religioso.

POESIA: A QUEM SERVE?

Enfeitiçados por metáforas e alegorias, tais como Deus, Paraíso, Céu e outras abstrações sobre o cu, o cóccix, o osso sacro, ou seja, a área do primeiro chacra, fanáticos, abestalhados pela Besta, seguem se matando em disputa de um suposto território sagrado, de uma suposta cidade da paz.
Todos os poetas somos cúmplices dos crimes cometidos por esses fanáticos religiosos.

DE POETA PARA POETA

Assim disse Virgílio a Dante:
-- Por que não vens ao deleitoso monte,
que de todo deleite é a fonte?

“Poesia: a quem serve” e “De poeta para poeta”,
postagens (2014) de Waldo Motta, em sua rede social.

Eu sou um otimista, revolucionário e acredito, mesmo contra as evidências contrárias e hostis, na possibilidade de construção de uma sociedade cada vez mais justa, não pela bondade e altruísmo do ser humano, mas pela necessidade de sobrevivência de nossa espécie.

“Para enfrentar, combater e arrefecer esta onda nefasta e avassaladora, basta difundir e discutir a obra waldivina, ao máximo, entre místicos, teólogos, filósofos, críticos literários, poetas, escritores e artistas em geral, e principalmente com o povo, e especialmente com protestantes e católicos”, conforme eu disse numa postagem no Facebook, em 02.10.2022.



Postagem (2018) de Waldo Motta em sua rede social.

Tive uma formação literária e cultural eclética, fora do cânone acadêmico e dos caminhos impostos pelo *mainstream*. Por contingências financeiras, sociais, vulgo pobreza, tornei-me autodidata, desde que abandonei a faculdade de Comunicação, na Ufes, em 1982 ou 83. Contudo, me orgulho de ter sido apresentado como "Literaturwissenschaftler", em 2001, na Alemanha, quando lá estive como escritor residente,



Leitura de Waldo Motta de seus poemas, na Alemanha, em dezembro de 2001 (Foto de Juraj Bartusz).

e chamado de “universidade viva”, em 1999 na UFF, em Niterói, após a leitura de meu ensaio “Enrabando o capetinha ou O dia em Eros se fodeu”, em que apresento a minha cosmovisão anal e minha poética do sagrado.

Esse conhecimento adquirido a duras penas em áreas do saber desprezadas pela academia deveria ser mais valorizado pela universidade (que se limita, até agora, a estudar e discutir minha obra), oferecendo-me oportunidades e condições de trabalho – remunerado, *of course* – no próprio meio universitário. Digamos: oficinas, cursos, aulas, palestras, recitais etc., voltados para toda a comunidade, além do corpo discente. Infelizmente, a instituição chamada universidade não é universalista.



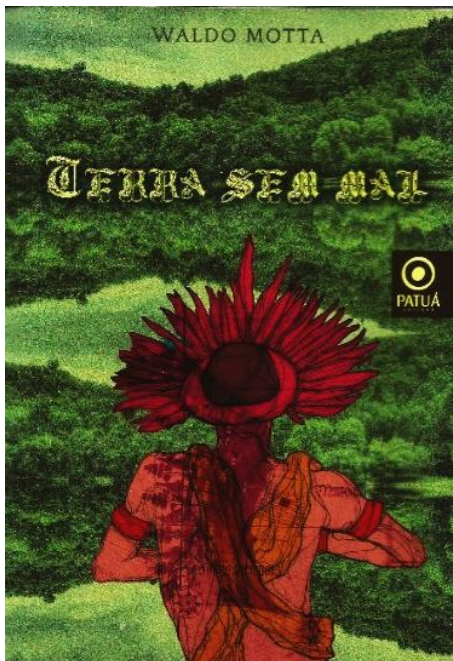
Em 2017, Waldo Motta recebeu do secretário de cultura e escritor Francisco Grijó a Comenda Maurício de Oliveira, que condecora personalidades do movimento cultural capixaba, na Casa Porto das Artes Plásticas, no Centro de Vitória.



Homenagem a Waldo Motta na Escadaria da Gentileza, realizada por Raimundo Oliveira, no Morro dos Alagoanos, em Vitória,

Por mais que o meio acadêmico estude e divulgue a minha obra, essa valorização é muito restrita, limitada ao pequeno mundo intelectual de professores e alunos dos cursos de letras.

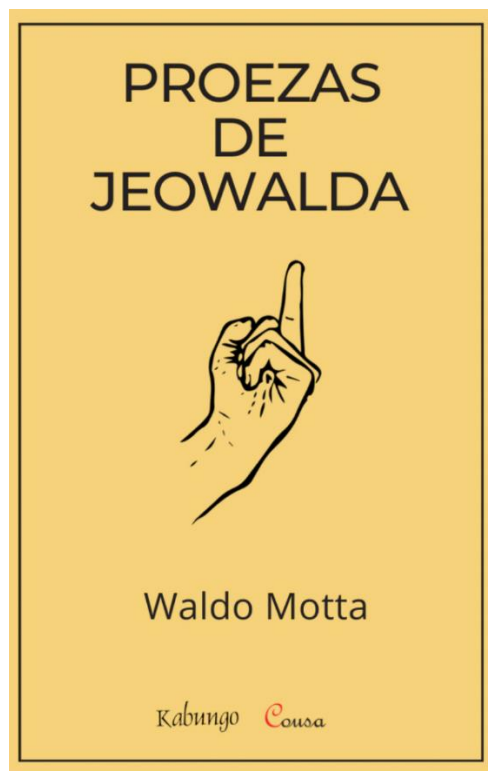
Sou o autor capixaba mais pesquisado, discutido e divulgado em âmbito nacional, quiçá internacional. Porém, essa fama raramente ultrapassa os círculos restritos da comunidade acadêmica, do meio literário e artístico. Meus livros não estão acessíveis, ninguém acha pra comprar em livrarias, físicas ou virtuais. Leitores mais sortudos podem encontrar alguma coisa em sebos. Talvez saia em breve pela editora Patuá uma nova edição de *Terra sem mal*. E um novo livro está prestes a ser publicado, *Proezas de Jeowalda*, pelas editoras Kabungo e Cousa. É necessário publicar novas edições de meus livros, mas o caminho é árduo, não tenho paciência e nem saúde pra procurar editora; gostaria de ter dinheiro suficiente para investir na publicação e divulgação de meus livros, quiçá de outros autores também, pela minha própria editora: Kabungo.



Capa do livro *Terra sem mal*, de Waldo Motta, e imagem do poeta para divulgação (Foto de Ricardo Aguiar).



Card de divulgação do livro *Terra sem mal*, de Waldo Motta, no programa de rádio Vice Verso, na Ufes, em 2015, e como objeto de resenha no programa Livros por Livia, em 2021 (Imagens sem crédito).



Capa do novo livro de Waldo Motta, *Proezas de Jeowalda* (2024).

Referências:

CALDEIRA, Rodrigo Leite. Waldo Motta: poesia, crítica e problema. *Contexto*, Vitória, n. 15/16, p. 334-345, 2008/2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6643/4876>>. Acesso em: 17 maio 2024.

GOMES, Deny. Prefácio. In: MOTTA, Valdo. *Eis o homem: poemas selecionados (1980-84)* Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987. (Coleção Letras Capixabas, n. 30). p. 99-103.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *26 poetas hoje*. 6. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

MORICONI, Italo. Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira. In: PEDROSA, Celia; MATOS, Cláudia; NASCIMENTO, Evando (Org.). *Poesia hoje*. Niterói: Eduff, 1998. p. 11-26.

MOTTA, Valdo. *Pano rasgado*. São Mateus: Edição do autor, 1979.

MOTTA, Valdo; OLIVEIRA, Wilbett R. *Os anjos proscritos e outros poemas*. São Mateus: Edição dos Autores, 1980.

MOTTA, Valdo. *O signo na pele*. São Mateus: Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, 1981.

MOTTA, Valdo. *As peripécias do coração*. São Mateus: Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, 1982.

MOTTA, Valdo. *Obras de arteiro*. São Mateus: Edição do Autor, 1982.

MOTTA, Valdo. *De saco cheio*. São Mateus: Edição do Autor, 1983.

MOTTA, Valdo. *Salário da loucura*. São Mateus; Vitória: Edição do Autor, 1984.

MOTTA, Valdo. *Eis o homem: poemas selecionados (1980-84)*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987. (Coleção Letras Capixabas, n. 30).

MOTTA, Waldo. *Poiezen*. Vitória; São Paulo: Universidade Federal do Espírito Santo, Massao Ohno, 1990.

MOTTA, Waldo. *Bundo e outros poemas*. Organização de Iumna Maria Simon e Berta Waldman. Campinas: Edunicamp, 1996.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2009.

MOTTA, Waldo. Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu. In: PEDROSA, Célia (Org.). *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

MOTTA, Waldo. *Terra sem mal*. São Paulo: Patuá, 2015.

OLIVEIRA, Jurema. Valdo Motta: poesia e engajamento. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de; NEVES, Ricardo Santos; SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 4: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Edufes, 2011. p. 123-128.

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto: a poesia de Valdo Motta. *Novos Estudos*, São Paulo: Cebrap, n. 70, p. 209-233, nov. 2004. Disponível em: <<https://novosestudos.com.br/produto/edicao-70/#591bdc9719798>>. Acesso em: 17 maio 2024.